

**ESTADO DE MATO GROSSO  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

**GLICÉLIO CORRÊA DOS SANTOS**

**TATUAGENS: O CORPO COMO DISCURSO**

**Cáceres – MT  
2016**

**GLICÉLIO CORRÊA DOS SANTOS**

**TATUAGENS: O CORPO COMO DISCURSO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta.

Linha de Pesquisa: Estudos e análise dos processos discursivos e semânticos.

**Cáceres – MT  
2016**

Santos, Glicélio Corrêa dos

Tatuagens: o corpo como discurso./Glicélio Corrêa dos Santos. Cáceres/MT: UNEMAT, 2016.

76f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2016.

Orientadora: Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta

1. Análise de discurso visual. 2. Corpo – discurso visual. 3. Tatuagem - corpo.  
4. Reality Show – exposição corpo tatuado. I. Título.

CDU: 81'42

Ficha catalográfica elaborada por Tereza Antônia Longo Job CRB1-1252

**GLICÉLIO CORRÊA DOS SANTOS**

**TATUAGENS: O CORPO COMO DISCURSO**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dr.(a). Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta (Orientador – PPGL/UNEMAT)

---

Dr.(a). Olímpia Maluf Souza (Membro – PPGL/UNEMAT)

---

Dr.(a). Aline Fernandes de Azevedo Bocchi (Membro – IEL/UNIFRAN)

---

Dr.(a). Ana Maria de Renzo (Suplente – PPGL/UNEMAT)

APROVADA EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

À minha mãe Maria Balbina Corrêa, por me abraçar sempre com seu sorriso. Te amo!

Aos meus irmãos: Antonio, Dilza, Edmilço, Luzia e Luzimeire pelo exemplo de luta e superação de cada um. Amo vocês!

Ao meu pai Armando Silva dos Santos que decidiu traçar seu caminho sem nossa presença, deixando assim um rastro de saudade...

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus que se tornou humano/corpo e habitou entre nós, manifestando em sua trajetória terrena a maior de todas as lições: Amar.

À minha orientadora Profa. Dra. Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta pelo zelo e dedicação à Análise de Discurso. Por conduzir a orientação deste trabalho sempre com intervenções pontuais. Pelo carinho e compreensão. Obrigado!

Aos colegas da turma de mestrado pela boa e divertida convivência durante as aulas. Apreendi muito com cada um de vocês. Levarei essa lembrança para vida!

Aos professores do Programa de Mestrado em Linguística: Profa. Dra. Neuza Zattar por sua competência e seriedade com a Linguística; Profa. Dra. Leandra Seganfredo por sua paixão pela Linguística Aplicada e o ensino; Profa. Dra. Olímpia Maluf por sua credibilidade e bom humor nas aulas de Análise de Discurso; Profa. Dra. Leila Bisinotto pelo cuidado com a língua; Profa. Dra. Gislaine Aparecida de Carvalho por nos apresentar a Sociolinguística didaticamente; Profa. Dra. Silvia Regina Nunes por suas inspiradoras aulas de Discurso e Ideologia. Obrigado por contribuírem nesse percurso.

À Profa. Dra. Olímpia Maluf Souza pelas valiosas contribuições acadêmicas, por participar da banca de qualificação e banca de defesa.

À Profa. Dra. Aline Fernandes de Azevedo Bochi que tão gentilmente aceitou compor a banca e contribuir pelo diálogo teórico com este trabalho, por participar do processo de banca de qualificação e defesa.

À minha colega de orientação Neures por dividir comigo as angústias e as alegrias deste caminho acadêmico.

À Wladmir Fernandes que a vida me presenteou há dois anos como amigo. Amigo de todas as horas. Todas!

Ao Prof. Me. Divino Alex por ter me apresentado à Linguística, incentivando meu ingresso no mestrado.

Aos amigos de Tangará, Aurélio Santos de Oliveira e Leandro Corniani Juliato (E lá se vão vinte e muitos anos de amizade...); Gilvan de Moura e Alcides Santos por respeitarem minha ausência.

Aos primos de Pontes e Lacerda: Isabel, Tayanne, Richarme, Chalo, Pedro, Guilherme e Paulinho por me acolherem.

Aos professores da Escola Estadual “14 de Fevereiro” por acreditarem na educação e contribuírem com minha vida profissional.

Ao governo do Estado de Mato Grosso por conceder a licença para a qualificação profissional, proporcionando assim condições para a concretização deste trabalho.

*“Meu corpo não é meu corpo,  
é ilusão de outro ser.  
Sabe a arte de esconder-me  
e é tal modo sagaz  
que a mim de mim ele oculta.[...]”*

Carlos Drummond de Andrade



## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>18</b>
<b>CORPO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA .....</b>	<b>18</b>
1.1 O Corpo e o sagrado: significações .....	18
1.2 Dor: sofrer é preciso (?).....	22
1.3 Tatuagem: A história de uma marca.....	26
1.4 Olhares sobre o corpo na atualidade.....	35
1.4.1 A construção da beleza .....	39
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>42</b>
<b>CORPO TATUADO, MÍDIA E CONSUMO .....</b>	<b>42</b>
2.1 Mídia e culto ao corpo .....	42
2.2 A mídia (marca)ndo o corpo.....	45
2.3 Reality Show: A espetacularização do corpo .....	49
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>55</b>
<b>ANÁLISE – TATUAGEM: UMA MARCA (FAZ)ENDO SENTIDO .....</b>	<b>55</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>73</b>

## RESUMO

Nesta pesquisa inscrevemo-nos na linha de pesquisa Estudos e análise dos processos discursivos e semânticos do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, em que refletimos sobre o corpo/tatuagem na contemporaneidade. O corpo que em sua materialidade tem sido objeto de estudos de diferentes áreas do conhecimento, que partem desde a redução de um corpo puramente biológico, até o entendimento de que o conceito de corpo é complexo. Discorremos sobre o corpo em uma abordagem sócio-histórica, em que refletimos sobre a relação do corpo com o sagrado e suas formas de significação. Fez-se necessário superar uma visão reducionista de corpo e dedicamo-nos a refletir de forma discursiva sobre a relação entre corpo, mídia na contemporaneidade. A prática da tatuagem, em nossa sociedade, coloca em funcionamento uma posição sujeito tatuado, um estilo de ser e mostrar-se. Tomamos como *corpus* a materialidade discursiva; do corpo/imagens de tatuagens, em participantes do Programa *Reality Show Big Brother Brasil* - Rede Globo de Televisão - em distintas edições (09, 11, 15 e 16), para discutir o sentido, o espaço de constituição do sujeito/tatuagens. Assim, inscritos no referencial teórico da Análise de Discurso de tradição pecheuxtiana, refletimos discursivamente sobre as imagens de corpos tatuados que circulam na mídia produzindo efeitos de sentido. Compreendemos o percurso sócio-histórico, as formas de textualizar o corpo na sociedade capitalista. Fez-nos pensar sobre as formas de subjetivação, refletindo sobre o que está em jogo entre o simbólico da escrita e imagens apresentando o corpo como suporte. Que efeitos de sentido a textura do corpo tatuado constrói? Como o corpo enquanto discurso se insere pela escrita/imagem, marcando a pele, em uma sociedade de cultura visual?

**Palavras-chave:** Corpo. Sujeito. Tatuagem. Discurso. Reality Show.

In this research, we intend to reflect the body in the contemporaneity, which its materiality has been object of studies from different perspectives that begins since a reduction of a purely biological body idea, until the comprehension that the body concept is complex, systemic. It is necessary to overcome a reductionist body vision. The tattoo practice in our society propose different kind of show off styles to tattooed subject. Therefore, we take the tattoos from participants of the *Reality Show Big Brother Brasil* of the last three editions as *corpus* to illustrate this space of subject constitution. We intend through Discourse Analysis theoretical reference from Pêcheux to make a reflection on how tattooed bodies pictures exposed daily on TV produce sense. We seek to understand the body textualization in the capitalist society. This make us think about the subjectivation forms in reflection to what is at stake between the writing and the pictures symbols where the body is the support. What sense effects the tattooed body build? How does the tattoo – writing/picture - means itself in a society of enunciations? We propose to investigate the tattooed body exposed in the *Reality Show Big Brother Brasil* as materiality invested of sense, soon as discourse.

**Key words:** Body. Tattoo. Subject. Discourse. Reality Show.

BBB – Big Brother Brasil

DJ – Disc Jockey

MPB – Música Popular Brasileira

Figura 01 – As tatuagens do Neymar .....	26
Figura 02 – José Artur Machado “Petit” e Rico de Souza.....	32
Figura 03 – MC Guimê.....	36
Figura 04 – Mosaico de participantes tatuados do BBB .....	48
Figura 05 – Lucival Nascimento França (BBB 11) .....	50
Figura 06 – Protótipo de candidato ideal ao Big Brother Brasil.....	53
Figura 07 – Fernando Medeiros (BBB 15) .....	56
Figura 08 – Laércio Moura (BBB 16) .....	63
Figura 09 – Maximiliano Porto (BBB 09) .....	65
Figura 10 – Talita Araújo (BBB 15) .....	67
Figura 11 – Juliana Dias (BBB 16) .....	69

## APRESENTAÇÃO

Escolher percorrer os princípios teóricos da Análise de Discurso se deu, *a priori*, como escolha por sua base teórica, modo de pensar a linguagem. Estudá-la significa compreender mais que um fato de linguagem, significa inscrever-se em seu arcabouço teórico que trata do discurso. “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. (ORLANDI, 2013, p.15). É essa capacidade de significar, de construir sentidos do homem pelo simbólico, mediado pelo discurso é o que nos motiva a pensar a relação: sujeito/corpo/tatuagem. A materialidade significativa do sujeito, *o corpo que significa*.

Devemos dizer que a nossa questão de estudos sobre o corpo parte *a priori* de nossa formação acadêmica em educação física. Nessa área de conhecimento, o corpo é lido por distintas concepções teóricas em que é compreendido em seus aspectos biológicos, fisiológico, cultural e etc. Neste trabalho, a nossa inscrição teórica na Análise de Discurso permite-nos um deslocamento no modo de compreender o corpo não de forma empírica, mas *investido de sentidos*. Dessa forma, a circularidade de diferentes textualizações do corpo pela tatuagem em diferentes classes sociais, e, sobretudo na mídia como: programas, novelas, jogos de futebol e, sobretudo, *reality shows* instigou-nos a discutir, a não transparência do corpo enquanto materialidade discursiva.

Para tanto, tomamos como *corpus* a materialidade discursiva da tatuagem em participantes do programa *reality show* Big Brother Brasil da Rede Globo de Televisão nas edições 09, 11, 15 e 16. O nosso propósito de discutir a tatuagem em participantes do BBB teve como princípio norteador o número de participantes e a incidência da tatuagem.

Podemos dizer que discutir o corpo nos assegura deleite e inquietação. Prazer, pois falar do corpo é falar de existência, é dialogar do lugar onde os sonhos emanam. Sentidos, emoções, como algo bem íntimo, inerente a cada sujeito. Inquietação, porque contemplar criticamente o corpo não permite a percepção de suas possibilidades, não admite que se consiga aplicar mecanismos que façam do corpo uma simples e notável máquina, pois este

não se repete, não é seriado, não é igual, mas designa, estabelece o diferente, é constituído ideologicamente.

Para ser entendido em sua materialidade discursiva, o corpo não pode ser limitado. Assim, reiteramos a necessidade de vê-lo como um corpo significado historicamente pela linguagem. Do ponto de vista de Foucault o autor diz que:

Pensamos em todo caso que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destruído por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos alimentares ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências. (FOUCAULT, 1979, p. 27).

O excerto aponta que o corpo não escapa à história. Ela é parte de sua constitutividade. Do ponto de vista da Análise de Discurso a história é compreendida diferentemente como parte no processo de constituição dos sentidos da materialidade discursiva. Ela não é compreendida como algo cronológico, mas a força da história significa discursivamente. Nessa linha de raciocínio, o analista de discurso lida nos limites da interpretação, questionando a literalidade dos sentidos, desprendendo outro olhar sobre o corpo discursivizado. Portanto, pode-se dizer que inscrever-se na perspectiva da Análise de Discurso é um gesto em que as reflexões sobre o trabalho com “[...] a linguagem não se dá como evidência, mas oferece-se como lugar de descoberta, lugar do discurso”. (ORLANDI, 2009, p. 96). Desse modo, trabalhamos a Análise de Discurso como base teórica que toma a materialidade discursiva como o objeto próprio de análises do *corpus*.

Neste trabalho, compreender o corpo as formas de textualizá-lo na sociedade capitalista faz-nos pensar sobre as formas de subjetivação. “A subjetivação é uma questão de qualidade, de natureza: não se é mais ou menos sujeito, não se é pouco ou muito subjetivado”. (ORLANDI, 2001, p.100). Ao tratar “do sujeito na história e no simbólico” a autora afirma que o processo de assujeitamento não tem uma forma quantificável. Nessa direção, este estudo visa refletir sobre o que está em jogo pelo simbólico da materialidade discursiva, em específico, na textualidade do corpo, questionando: Que efeitos de sentido a textura do corpo tatuado constrói? Como analisar, investigar o corpo tatuado exposto no programa *Reality show Big Brother Brasil* da Rede Globo de Televisão como materialidade discursiva?

No capítulo I discorremos sobre o corpo em uma abordagem sócio-histórica, em que refletimos sobre a relação do corpo com o sagrado e suas formas de significação. Em seguida tratamos como a dor é usada nessa relação do sujeito em sua espiritualidade cristã como mecanismo na formulação de um mundo humano, um mundo de significações, em que a dor desempenha com relevância seu papel, exerce proteção ao organismo através da compressão imediata que ela provoca, pela marca constitutiva na memória discursiva.

Traçamos um percurso sócio-histórico da tatuagem no mundo, recortando, situamos a no Brasil. Empreendemos uma reflexão discutindo como essa textura corporal teve deslocamentos distintos na história, afastando-se de uma posição marginal e estabelecendo-se no centro da sociedade, estampando corpos em distintas classes sociais. Entendemos, assim, a relevância de se tratar dos olhares sobre o corpo na atualidade, interpelado pela ideologia capitalista.

No capítulo II dedicamo-nos a refletir sobre a relação entre corpo, mídia e consumo na contemporaneidade. Perguntando como a linguagem da mídia contribui no processo de espetacularização, culto ao corpo e ainda discorremos de forma breve sobre o histórico do programa *Reality show*, como o lugar de ver a forma como a mídia textualiza pelo viés de um programa de confinamento um número de participantes em que a maioria tem uma marca corporal (tatuagem) que o individualiza entre o grupo. Assim, como a linguagem verbal e não verbal produz sentidos na textura da pele e a individuação do sujeito?

No capítulo III tratamos das análises discursivas de imagens de participantes do Big Brother Brasil, de quatro edições distintas: 09, 11, 15 e 16. Tomamos como *corpus* essas edições para discutir esse espaço de constituição do sujeito tatuado. Ou seja, intentamos compreender o processo de significação que o discurso engendra “pela ideologia e inconsciente serem materialmente ligados”. (Pêcheux in Orlandi, 2012, p.95). Conforme Orlandi (2013) “Isso redundava em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia”. (p.20). Isso significa tratá-lo na sua relação com as condições de produção. Em suma cabe dizer que serão mobilizados no decorrer deste trabalho os conceitos teóricos de sujeito, sentido e ideologia. Considerando, neste trabalho, o corpo como materialidade discursiva será tomado pelo funcionamento da linguagem, pelos sentidos que estão sempre em



movimento. Como nos diz Orlandi (2013) que os “sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros”. (ORLANDI, 2013, p.37). Sendo assim, na Análise de Discurso, não há como sistematizar afirmações, mas problematizar questionar a discursividade. Assim, como sujeito, sentido e ideologia se constituem pela escrita/imagem, marcada na pele, em uma sociedade que constantemente tem insistido em construir e reconstruir seu corpo?

## CAPÍTULO I

### CORPO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

*Nada, sem dúvida, é mais misterioso aos olhos do homem do que a espessura do seu próprio corpo. E cada sociedade se esforçou, com seu estilo próprio, em dar uma resposta particular a este enigma primeiro no qual o homem se enraíza. O corpo parece óbvio. Mas a evidência é frequentemente o mais curto caminho do mistério.*

(Le Breton, 2013. p. 8)

#### 1.1 O Corpo e o sagrado: significações

Neste capítulo discutiremos o corpo pensado o como materialidade discursiva. Isto significa que discutir o corpo é também trazer à tona a materialidade do sujeito já que um e outro estão necessariamente relacionados, interpelados pelo inconsciente e pela ideologia. Conforme (ORLANDI, 2012) o estudo que se propõe a discutir *corpo, sujeito, sentido* tem em si uma questão que é a compreensão dessa materialidade pelo discurso e que é um desafio. Segundo a autora,

Embora, se trabalhe, na análise de discurso, sobejamente, a materialidade da história e a da língua, pouco se tem dito a respeito da materialidade do sujeito, mesmo que se afirme sua não transparência, fazendo intervir a questão da ideologia e do inconsciente. (p.84).

O excerto pontua que a não transparência do sujeito faz intervir a questão da ideologia e do inconsciente de forma que é preciso abrir para questões, de perguntar pelo sentido uma vez que o sujeito tem a sua materialidade discursiva e como tal tem seu funcionamento e é ideológico.

O corpo se tomado por uma via antropológica, biológica será concebido diferentemente pela forma empírica, enquanto carne. Observaremos de forma sucinta do ponto de vista da concepção religiosa que é no/pelo corpo que a relação corpo-sagrado transparece, cria, forma, humaniza-se. Tarefa árdua, dissociar corpo e religião. O princípio dado à religião cristã Deus revelou-se corpo. Forma humana. Encarnado. Inúmeras as religiões que professam sua fé a uma entidade superior, mas, nenhuma delas ousou transpor

os limites do sagrado e compactuar a realidade humana, corporal, transitória como a cristã na pessoa de Cristo. (PELLEGRIN, 2012).

A forma corporal torna o ser humano partícipe da divindade; segundo a bíblia cristã “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. (Gênesis 1:27).

E na forma humana que consta seu Deus recebeu em seu corpo as dores e angústias da crucificação; os espinhos da coroa penetrando a fronte, os chicotes do flagelo, os pregos transpondo suas mãos e pés, a lança que perfurou o seu lado.

No século XIX, os atos da crucificação em seus exercícios espirituais revivendo as torturas suportadas por Cristo tornou-se uma prática, a exemplo, a prática da via-sacra, difundida pela metade do século (XIX). Dessa forma, consta que as etapas dos sofrimentos de Cristo são lembradas em cenas das estações da via-sacra que induz o fiel a reviver a mutilação progressiva do ser corporal.

Na cena da via-sacra há uma projeção imaginária do corpo de Cristo em que se reconstitui na/pela cena, da via-sacra que traz à tona o corpo, os órgãos internos eviscerados. Essa dramatização joga com o interlocutor. Produz pela cena a imagem do corpo em suplício o qual produz efeitos de sentidos. Assim, os instrumentos da paixão (flagelos, a coroa, a lança, os açoites) tomam corporeidade, movimentam sentidos, uma memória discursiva da/sobre a crucificação. Tocamos aqui um ponto importante entre um acontecimento e uma memória.

Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador. (PÊCHEUX, 1999, p.50).

Ainda do ponto de vista de Pêcheux a questão da memória “é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas [...]”. (op cit p.56). Nesse sentido, depreende-se que o corpo cerne do mistério cristão é atravessado por uma memória discursiva que constitui múltiplos sentidos. O corpo do filho encarnado, do encontro do Verbo com a carne. Corpo do Cristo da ressurreição. Corpo torturado do Cristo da Paixão, cujo símbolo é a cruz que remete o sacrifício pela redenção da humanidade caída. Ou seja, o corpo atravessado de significações constituído pelas condições de produção do discurso religioso.

A igreja da Contrarreforma alavancou a desconfiança sobre o corpo tido como “esta abominável veste da alma”. (GÉLIS, 2012, p.20). Corpo corrompido do qual se ouve

constantemente que é por ele que o ser humano pecador corre o risco de perder-se. Dessa forma, atravessado pela ideologia, o discurso cristão sobre o corpo e as imagens promove uma via de mão dupla composta pelo enobrecimento e menosprezo do corpo. Duplo. Inconstante. Como aquele que o habita. Gélis (2012, p.21) defende que:

[...] é esta beleza plástica do corpo que encontramos no santo representando em seu martírio ou em apoteose. Ao corpo do pecador que é só desordem, aviltamento, pois ele não consegue controlar suas paixões, opõe-se ao corpo harmonioso de Adão e Eva antes da queda.

A religião do Deus encarnado; Jesus, o Filho, está presente no mundo por seu percurso humano. “Da encarnação à ressurreição é sempre do corpo que se trata, do corpo de um Deus de amor que aceitou sacrificar-se”. (GÉLIS, 2012, p. 23). O cristianismo foi constituído sobre a perda de um corpo, a perda do corpo de Jesus.

Os místicos desenvolvem uma dupla relação ao corpo divino. Na comunhão, o assimila; na partilha dos sofrimentos por meio de flagelos corporais, busca fundir-se ao corpo divino. Eleito como principal entrave para chegar a Deus, também pode ser a via para operar sua salvação. Aos que buscam ousadamente assemelhar-se ao Cristo e suas dores partilhando de suas aflições e o corpo é o obstáculo a se romper, o “grande inimigo” e meio singular de acompanhar o Redentor. Corpo que é preciso derrotar, o corpo objeto dos flagelos pessoais. (GÉLIS, 2012).

A leitura a partir de Gélis faz pensar que o processo de dominação da carne é antes de tudo impor-se um gesto de disciplina brutal. A vontade de in(corpo)ração sujeita os místicos a comportamentos extremos: a privação alimentar (jejum) e as macerações; crendo com isso inscrever no próprio corpo toda simbologia da Paixão de Cristo.

Observemos os movimentos sócio-históricos que incidem sentidos sobre o corpo e que perpassam pela relação da posição sujeito com o discurso religioso. Consta que jejuar é a punição mais comumente aplicada ao corpo. Há distintas formas de privações que podem ser referenciadas ao tempo. A abstinência total acontece na sexta-feira; durante a semana o puritano é movido a pão e água durante dois ou três dias. Em tempo de Quaresma, ele se impõe uma privação radical; seguindo os passos de Catarina de Sena, nutre-se apenas da Eucaristia. Estamos diante de modelos de comportamentos que se repetem na vida dos santos pelos séculos XII-XIII, e o candidato ao martírio inspira-se nesses esquemas, em uma memória discursiva preexistente. A abstinência parcial ou total, temporária ou permanente,

concede ao místico uma sensação de senhor sobre o seu corpo; o espírito vence a carne com intuito de escapar a este mundo. Seu corpo é invadido por uma sensação de leveza e ardor: um estado de beatitude. A vitória sobre o corpo aproxima-o a Deus distinguindo-se dos outros. (GÉLIS, 2012).

A corporificação de Cristo para os seus seguidores pode tomar a forma de inscrições literais que os religiosos recebem ou que eles mesmos se infligem. Essas “marcas” constituem o meio de tornar sempre legível o conteúdo da fé, pelas incisões na carne. “Assim Zurbarán contribuiu para tornar conhecido, o êxtase durante o qual, no século XIV, o Beato Suso inscreveu em sua carne com um estilete as iniciais que faziam de Jesus Cristo Salvador da humanidade”. (GÉLIS, 2012, p. 71). Esse modo de inscrição na pele, pela via do religioso, tem a sua significância que resulta do modo de interpelação do sujeito pela ideologia e inconsciente.

Nos tempos modernos, os gestos se multiplicam, os martírios se desenrolam sob o olhar do outro e, este é essencial, pois ele garante as versões dos fatos e lhes dá sentido. O corpo martirizado do místico se efetiva em relação à imagem do corpo de Cristo. Na conduta do santo tudo deve levar à *imatatio Christi*. Cada ato, cada gesto, cada dor latente são lembradas em algum episódio da morte redentora de Cristo. Todas essas provas infligidas a seu corpo são uma retaliação sentenciada ao corpo que hospeda em si o pecado, que através da dor imposta pelas mutilações almeja assemelhar-se ao seu salvador e ter direito à reconciliação eterna. (PELLEGRIN, 2012).

O suplício do corpo de que trata Gélis (2012) e Pellegrin (2012), no que tange o corpo e o sagrado nos permite remeter ao que diz Orlandi (2012) ao pontuar que em uma visita a Florença observa diferentes pinturas que “mostravam diferentes quadros da descida da cruz de Jesus Cristo, particularmente o *Deposizione dalla Croce* de Filippino Lippi e Pietro Vannucci, e *La Trinita e I santi Cosme e Damiano* atribuído a Apollonio Di Giovanni no século XV”. (p.94). A autora coloca em relevo o corpo. O corpo sofrido, o corpo organizado. “Dois corpos absolutamente distintos, em um acontecimento, supostamente, o mesmo”. (op cit. 94). Observa-se uma mobilidade de sentidos distintos embora se trate do mesmo corpo. Assim, do que se lê em Gélis (op.cit.) e Pellegrin (op.cit.) difere da maneira como a Análise de Discurso compreende o corpo como um lugar de significação, de discurso, como forma de subjetivação em que sujeito e corpo estão materialmente, interpelados nesse processo. Quando se pensa sujeito e corpo não estamos compreendendo um em separado do outro, “mas o corpo, como sendo o próprio sujeito”. (FERREIRA, 2015, p.15). A autora acrescenta que “[...] nessa

relação a linguagem entra como constitutiva do sujeito, do corpo e do discurso”. (p.15). Neste trabalho é do ponto de vista do discurso que pretendemos discutir sujeito/corpo/tatuagem.

## 1.2 Dor: sofrer é preciso (?)

As sociedades, historicamente, concedem à dor a sua visão própria de mundo, dando-lhe múltiplos sentidos, conferindo ao corpo uma realidade mutável dentro de cada cultura, em que a fisiologia não é explanada diante de uma visão meramente biológica, fechada; mas envolta num contexto cultural e histórico preciso. (GUERCI, 1998).

Conter a dor em si é dominar o inapreensível, é acrescer sua existência de uma disposição em enfrentar seus medos e provar a si mesmo a pujança interior. “Essa relação íntima com a dor depende da significação que ela reveste no momento em que afeta o indivíduo”. (LE BRETON, 2013, p.13). Fisiologia, imaginário, língua, social, e inúmeros fatores atuam historicamente sobre os indivíduos, interpelando sua percepção da dor e sua resposta a ela, transformando de formas distintas o modo de significação frente à sociedade. A dor, como outras eventualidades humanas, também se aprende. Certamente, a dor é íntima, mas também atravessada de social, de cultural, é resultado de uma educação. Em uma palavra podemos dizer que a dor advém de suas condições sócio-históricas.

Percebemos através da etimologia da palavra *dor* que os diversos idiomas como o inglês (*pain*), o alemão (*pein*) e o grego (*poine*=sofrer) derivam do mesmo prefixo que, em palavras homólogas, indicam punição em latim (*poena*, termo do direito criminal) e purificação em sânscrito (*pu*) (BENVENISTE 1969; REY, 1993). No indo-europeu remete ao conceito de pena sofrida para purificação da própria culpa.

É fato que a dor conhece particularidades próprias, naturezas e situações sociais reservadas. A anatomia e a fisiologia não são razoáveis para elucidar estas mutações sociais, culturais, pessoais e ideológicas. A íntima afinidade com a dor depende da significação de que esta se reveste no instante em que ela toca o sujeito no mais íntimo do seu ser. (LE BRETON, 2013). A dor experimentada, não é uma mera reação fisiológica, mas um discernimento que provoca a questão da relação do sujeito com o mundo e da experiência obtida. É experimentada, integrada em suas significações e valores para o sujeito, nunca simplesmente fisiológica, “[...] a dor pertence à esfera simbólica”. (LÉVI-STRAUSS, 1999).

Compreender a significação do sofrimento é compreender o sentido da vida. Nas sociedades humanas a dor é integrada as suas condições sócio-históricas, atribuindo-lhe

sentidos, relatando sua origem, proporcionando alternativas simbólicas de compreensão da dor, permitindo ao sujeito e ao grupo criar enredos que possibilitem seu entendimento e aceitação, pois “[...] a dor está na vida antes de fazer parte do indivíduo”. (LE BRETON, 2013, p.27).

Do ponto de vista do discurso, a dor implica pensar a relação corpo/sujeito/sentidos considerando que o “corpo é o lugar material da significação” (ORLANDI, 2004, p.124), e que “[...] quanto ao sujeito ideológico é interpelado, constituído sob a evidência da constatação que veicula e mascara a ‘norma’ identificadora [...]”. (PÊCHEUX, 1995, p. 159). O sujeito sofre as interpelações, injunções e estas funcionam ideologicamente de forma naturalizadas, evidentes em distintas condições sócio-históricas.

Dessa forma, nas sociedades modernas ocidentais, o corpo enquanto materialidade de significação aborda a sensação de dor vinculada ao sofrimento. A dor no ocidente representa a perda da capacidade de agir, vista como um mal a ser apaziguado, nunca tolerado. É oportuno lembrar que o tratamento da dor em distintas condições é um ofício, uma prática, um ritual sobre o corpo adoecido e conseqüentemente suas causas, não é um conhecimento sobre o homem e sua relação com a vida. Se a moral ocidental em sua razoabilidade acredita por bem controlá-la ou superá-la, ignora o fato que a dor expande o olhar do sujeito, sussurra em seu ser o valor de sua existência.

A dor tem o seu significado. O significado dado à dor é que confere à materialidade do sujeito seu trato com a mesma. Neste trabalho, em se tratando do corpo e da tatuagem ocorre pensar a sua relação com a dor, dada a inscrição, o processo que marca a tatuagem no corpo. Essa relação, sujeito/corpo/tatuagem, historicamente, tem seus resquícios de mutilações em épocas distintas, em distintos grupos sociais. Esse modo de inscrição na superfície da pele, no modo de textualização do corpo tem pela memória discursiva o atravessamento ideológico.

A memória conforme Pêcheux “[...] é necessariamente um espaço móvel de divisões, disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização [...] um espaço de deslocamentos, replicas e contra-discursos”. (PÊCHEUX, 1999, p. 56). Nesse sentido, a tatuagem pensada, historicamente, tem uma memória discursiva a princípio, estigmatizada que remete a marcas produzidas no corpo em presídios e manicômios. Trata-se ainda de uma imagem alicerçada numa compreensão puramente patológica das marcas corporais, estabelecidas em categorias estigmatizadas como delituosas, martírio e loucura, que evocam desconfiança, receio e medo entre os sujeitos pouco familiarizados com a experiência de marcar o corpo com tatuagens.

A tatuagem teve, durante muito tempo, sentidos negativos compreendidos como identificações de grupos sociais que viviam à margem da sociedade (presidiários, criminosos, maníacos, prostitutas etc.); olhar esse descrito pelo médico italiano Cesare Lombroso – precursor da criminologia<sup>1</sup> – que considerava as tatuagens como provas de marginalidade dos indivíduos que a possuíam. Esse modo de ver o corpo permaneceu/permanece na sociedade como poderemos observar num breve percurso sócio-histórico da tatuagem.

Começamos por dizer que no contemporâneo há uma ruptura, um deslocamento de sentidos no modo de ver a tatuagem, como veremos ao longo desse trabalho.

O sujeito tem uma forma distintiva de se dizer, de se colocar de produzir sentidos. Nessa linha de raciocínio, o sujeito que se tatua marca o seu corpo, demarca a sua presença no mundo, produz sentidos, leituras múltiplas, pela própria inscrição no corpo, pelo modo de identificação que tem a ver com o processo de individualização.

[...] individuação remete necessariamente ao fato de que se trata de um sujeito individuado, ou seja, a forma sujeito histórica, no nosso caso capitalista, passando pelo processo de articulação simbólico-política do Estado, pelas instituições e discursos, resultando em um indivíduo que, pelo processo de identificação face às formações discursivas, identifica-se em uma (ou mais) posição-sujeito na sociedade. (ORLANDI, 2011, p. 22).

Assim, cabe perguntar: como o sujeito textualizado, individualizado, se significa na sociedade?

A ideologia, como se sabe, interpela os indivíduos em sujeitos; tem em si a realização pelas formações ideológicas. Compreende-se como formação discursiva “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito. Portanto, as palavras, proposições, expressões recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas”. (ORLANDI, 2006, p.15). As formações discursivas constituem-se assim numa projeção na linguagem das formações ideológicas. A autora em continuidade pontua teoricamente que: “Se na Psicanálise temos a afirmação de que o inconsciente é estruturado como linguagem, na Análise de Discurso considera-se que o discurso materializa a ideologia, constituindo-se no lugar teórico em que se pode observar a relação da língua com a ideologia”. (ORLANDI, 2001, p.99, 100). É a ideologia que trabalha fornecendo ao sujeito a evidência no sistema de significações. Dessa forma,

---

<sup>1</sup>Segundo a concepção clássica do criminalista Edwin Sutherland, a Criminologia é a ciência que debruça sobre o crime e o delinquente como fenômeno individual e social. (SUTHERLAND, 1949).



Ao dizer que o *EGO*, isto é, (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade), não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao *Outro*, ou ao *Sujeito*, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza, pois, fazendo apelo a nenhuma ‘transcendência’ (um *Outro* ou um *Sujeito reais*); estamos, simplesmente, retomando a designação que Lacan<sup>2</sup> e Althusser – cada um a seu modo – deram (adotando deliberadamente as formas travestidas e ‘fantasmagóricas’ pelo qual se constitui-reproduz o efeito-sujeito como *interior* sem *exterior*, e *isso pela determinação do real (exterior)*, e especificamente – acrescentaremos – *do interdiscurso como real (exterior)*). (PÊCHEUX, 1995, p.163).

O excerto nos permite compreender o funcionamento do imaginário no sujeito como sendo aquele em que não se reconhece a subordinação nem o assujeitamento ao *Outro* ou ao *Sujeito*; isso pensado dentro de uma cadeia de constituição dos sentidos, em que se “constitui-reproduz” o “efeito-sujeito”. Esse atravessamento ideológico constitutivo do sujeito em sua relação com o *Outro*, nos faz alargar a discussão pela linguagem e pensar nessa relação o olhar do *Outro* no corpo tatuado, considerando que o sujeito tem a ilusão de que não é subordinado, determinado, mas como nos diz Ferreira (2015), “[...] o sujeito que se julga livre para fazer do seu corpo o que lhe aprouver e o que a tecnologia lhe oferecer acaba sendo vítima dessa mesma ilusão, transformada em ferramenta de controle que busca enquadrá-lo em um mundo logicamente estabilizado”. (p. 22). Ilusão, pois, está sempre a mercê do olhar e querer do outro.

Dessa forma, o gesto de marcar o corpo com tatuagens também constitui uma experiência não somente estética para atrair olhares curiosos. Isso nos faz pensar a ritualização, o flagelo como benevolência. A dor sentida é uma forma de intensificar sua inscrição individual através dessa nova experiência corporal em uma sociedade que busca constantemente meios de amenizar a dor.

O olhar direcionado ao gesto de marcar voluntariamente o corpo fora do seu espaço social de produção remete a memórias constitutivas de uma imagem estereotipada sobre as marcas corporais, que foram construídas historicamente no mundo ocidental.

Foucault (1980, p.27) diz-nos que “[...] uma experiência não é nem ‘verdadeira’ nem ‘falsa’: é sempre uma ficção, algo que se constrói”. A experiência de marcar o corpo com uma tatuagem é um complexo acontecimento físico, psicológico, social ao que acrescentamos discurso. As marcas corporais propiciam aos sujeitos uma re-marcação, no sentido de, acrescer sua existência, mostrar seu valor, expor a marca da sua diferença. Sua experiência

---

<sup>2</sup> “[...] o sujeito só é sujeito por seu assujeitamento ao campo do *Outro*, o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do *Outro*”. (J. Lacan, *O Seminário – Livro 11: Os Quatro Conceitos...*, p. 178).

com a dor no processo de se tatuar “[...] é um limite, um apoio para encontrar uma razão para a sua existência, experimentar a sensação de estar vivo”. (LE BRETON, 2004 pg. 52). Pretende-se assim, ser marcado no sentido literal aumentando seu valor, mostrar a marca da sua diferença.

### 1.3 Tatuagem: A história de uma marca

O homem, nas diferentes culturas e ao longo dos séculos, marcou seu corpo, seja com a tatuagem como vemos cotidianamente, com uma pintura, escarnificações. A *body modification* não é um fenômeno deste século.

Atualmente, ao caminharmos pelas ruas de qualquer cidade nossos olhos são atraídos por desenhos, frases, símbolos estampados em braços, costas, pernas de adolescentes, mulheres, homens das mais distintas idades, classes sociais e profissões. Esse cenário tão comum na contemporaneidade é uma realidade próxima, pois, sabemos que até pouco tempo a tatuagem mantinha-se restrita a grupos apontados como “marginais” na sociedade ocidental. Hoje, a tatuagem toma notoriedade, passa a marcar outros corpos, corpos de ícones da música, cinema, televisão e do futebol; produzindo novas interpretações, novos discursos.

Vejam os figura (01):



Figura 01: As tatuagens do Neymar<sup>3</sup>

Na figura (01), Neymar Júnior, jogador de futebol, aos 24 anos de idade estampa em seu corpo, trinta e quatro tatuagens. Em entrevista ao site Globoesporte diz em outras palavras

<sup>3</sup> Fonte: <http://app.globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/as-tatuagens-do-neymar/>  
Fotógrafo: Claudio Chaves (2015)

que as tatuagens estão relacionadas à família, religião, amizade e ao esporte. Em suas palavras Neymar ressalta “Não tenho uma preferida. Todas têm seu significado, a sua importância; um momento que eu passei coisas que me fizeram crescer. Cada uma tem a sua história<sup>4</sup>”. No dizer do entrevistado observa-se uma relação constitutiva entre sujeito/corpo/tatuagem que é atravessado ideologicamente por diferentes formações discursivas dentre estas sobrepõe a família, a religião e o esporte na discursividade. É relevante pensar o corpo como lugar de inscrição material em que entra as imagens e a escrita. Estas passam a textualizar, a decorar o corpo; todavia a materialidade simbólica não é transparente/evidente. Esse funcionamento é produto da ideologia. Em se tratando da tatuagem, da linguagem, da *tattoo* no corpo de um jogador de futebol reconhecido internacionalmente ela tem um funcionamento, modo distinto de produzir efeitos de sentido entre os interlocutores. “Falar do corpo no campo do discurso implica envolver o sujeito, em seu aspecto inconsciente e ideológico, com a devida mediação pela linguagem.” (FERREIRA, 2015. p.15). Dessa forma, o gesto de se marcar, aponta para uma inscrição corporal que historiciza-se no/pelo corpo, e que traz à memória discursiva.

O corpo tatuado no contemporâneo, visto como ícone na mídia, em programas de *reality shows*, jogos de futebol, tem um sentido distinto dos corpos marcados em grupos culturais, que não estão na mídia. Em virtude dessa cultura do corpo, na contemporaneidade se constata uma forma distinta de situar na sociedade o sujeito tatuado. Ao praticar o gesto de tatuar, o sujeito textualiza à pele diferentes posições ideológicas, associadas também a suas particularidades e o modos como se relaciona com o mundo. Nesse percurso, a forma de significar o corpo manifesta sentidos de acordo com as condições de produção que o sujeito se insere ao materializá-la; “Mas assim como mudam as condições de significar, mudam também as formas como o sujeito aí se move nos trajetos de significação”. (ORLANDI, 2004, p. 123).

Independentemente do período sócio-histórico “O corpo é o lugar material em que acontece a significação, lugar de inscrição, manifestação do grafismo. Pintura. Texto.” (ORLANDI, 2004, p.121). Instrumentos de incisão diferentes, rituais, superfícies que determinam diferentes relações de sentidos. Nesse trajeto, tudo significa na forma de textualização. É interessante pensar que essa relação de textualização do corpo tem um percurso denso.

Datado de 5300 a.C. o mais antigo homem descoberto intacto e conhecido como o “Homem de Gelo”, possuía marcas corporais: tatuagens no joelho esquerdo, na região lombar e no tornozelo direito. (MARQUES, 1997).

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida ao site [globoesporte.com](http://globoesporte.com) aos repórteres Márcio Iannacca e Natalie Gedra.

No Egito antigo, noticiou-se uma grande quantidade de múmias tatuadas, a começar pela princesa Amunet, pertencente à XI Dinastia, tinha o ventre desenhado com linhas e pontos construindo uma forma elíptica, associada a rituais de fertilidade. O historiador grego Heródoto narra também, em sua história, Trácios e Tebanos marcados com escarnificações e desenhos corporais cicatriciais pigmentados.

As rupturas se dão justamente na forma de se significar, de rituais já definidos em rituais, tribos, dinastias; a uma nova prática em nossa sociedade cada vez mais massificada em que os sujeitos buscam destacar-se nessa sociedade da imagem. “As imagens são feitas para serem vistas” (p.77). Com isso, Aumont (1993) dá destaque ao órgão da visão em conexão com o cérebro. Considerar a visão implica considerar o sujeito que olha a imagem, nas palavras de Aumont: espectador. Ou seja, o espectador social e culturalmente definido. É a partir de suas compreensões que se aprecia as imagens. O autor pondera que uma das razões de constituição da produção da imagem é a dependência com o domínio simbólico, mediando à relação entre espectador e realidade.

Em se tratando do simbólico e corpo os mais conhecidos relatos do passado sobre o uso de tatuagens são concernidos às viagens marítimas. O explorador Marco Polo testemunha em suas viagens e descreve em seus relatos a Ásia do século XIII, toda vivacidade e colorido da tatuagem no continente asiático (CARUCHET, 1995); a província de Cancigu, situada entre o que hoje é a Birmânia e a Tailândia chamou a atenção do mercador. Nela, segundo Marco Polo, era comum marcar o corpo todo com desenhos permanentes de leões, dragões, pássaros e figuras outras.

Assim, como Cristóvão Colombo e Américo Vespúcio inserem em seus relatos a questão da pintura corporal – nem sempre definitiva – na América. Os relatos de Vespúcio, referindo-se principalmente ao Brasil, referenciam as modificações nos rostos dos nativos; usando incisões, perfurações e, sobretudo, adornos dessas perfurações com pedras preciosas. (CARUCHET, 1995).

O primeiro momento marcante e revolucionário da tatuagem deu-se também com outro navegador no século XVIII, o capitão James Cook, em 1769 viajando pelo Taiti descobre a tatuagem. É através dele que a palavra tatuagem (*tattoo*) é inserida na língua inglesa, como uma adaptação sua para as palavras taitianas e samoanas *tatah* e *tah-tah-tow*, que tinham como significado: marcar o corpo (KRAKOW, 1994). Portanto, a palavra e arte de marcar o corpo provem historicamente do Pacífico.

Na Nova Zelândia, os *Maoris* marcavam o rosto com tatuagens faciais muito bem elaboradas *makule*, formadas por arabescos diversos e linhas, simbolizavam a família, parentescos, o clã do qual pertencia, sua região de origem e conquistas pessoais. William Caruchet, em seu livro *Le tatouage, ou le corps sans honte* diz que os europeus que chegavam pedia aos Maori sua assinatura em documentos. Pontua-se que no lugar de nomes obtinham-se, assinaturas em desenhos idênticos às tatuagens, que, para eles significavam seus nomes. Observa-se nesse movimento, formas distintas de linguagem, de sentidos se constituindo. A inscrição de nomes (familiares) sob forma de tatuagem em partes do corpo é habitual na contemporaneidade, registram na pele momentos, lembranças em seu percurso de vida, “uma maneira de metaforizar a falta, cindindo na carne a marca da alteridade e sinalizando a forma como se dá laço social na sociedade contemporânea”. (AZEVEDO, 2014, p.1).

Assim consta que o Capitão Cook em 1775, em retorno à Europa, traz consigo um homem polinésio de nome Omai, cujo corpo era totalmente coberto por tatuagens. Omai tem seus méritos quando a tatuagem chega à Europa, transformando-se em adornos de cavalheiros da aristocracia. Entretanto, faziam uso de figuras de dragões e insígnias de nobreza em seus braços e costas, e não símbolos como os Maoris. (PUELLES, 1998).

A arte de tatuar-se durante milhares de anos foi realizada com ferramentas manuais, um processo doloroso e penoso, o qual poderia durar semanas, meses e até anos. No fim do século XIX, advento das máquinas, modifica-se o mundo ocidental em todos os setores. A produção e o transporte são revolucionados e impulsionados por novos aparelhos e máquinas. É, portanto, nessas condições sócio-históricas que o percurso da tatuagem é transformado tornando-se mecanizado.

Criada em 1891 por O'Reilly em Nova Iorque, o procedimento de tatuar-se torna-se mais rápido ocorrendo sua maior popularidade. (CARUCHET, 1995). Diminuir o processo e a dor foi determinante para o surgimento de estúdio de tatuagem em toda a América do Norte. Esse processo de mudança popularizou a tatuagem tornando-a acessível a um número cada vez maior de pessoas. Por outro lado, a princípio, torna-se atração de circos, feiras e parques de diversão, por uma onda de exotismo e exibicionismo. Pessoas exibem seus corpos tatuados totalmente nus para um público ansioso por suas exposições. (MIFFLIN, 1997).

Nos anos de 1920, um número acima de trezentos totalmente tatuados apresentavam-se em circos nos Estados Unidos. Distintas eram as performances exibindo homens, casais, até mesmo famílias tatuadas, mas, as femininas eram as que mais se opunham a essas exposições públicas. O modo de se tatuar se difunde pelo país, incentivando um grande número

de mulheres a se tatuar, algumas famosas como: Trixie, Belle Irène e Betty Broadbent. (SCHIFFMACHER, 1996).

Nos anos de 1950, a tatuagem prosseguiu como símbolo das camadas tidas como marginais. Marinheiros, soldados e prisioneiros de guerra regressavam a suas casas marcados, tatuados. No caso de prisioneiros, o crime cometido e o tempo de prisão era caracterizado com marcas simbolizando-os. (SCHIFFMACHER, 1996). Soldados traziam sob a pele emblemas patrióticos e nacionalistas. Muitos tatuadores faziam parte dos batalhões e viajavam nos navios junto aos marinheiros. (CARUCHET, 1995).

O traço da linguagem na pele tem historicamente seus resíduos que dividem a sociedade. De um lado, sentidos marginais. De outro lado, a nacionalidade. O que se percebe são as formas distintas de individuar, na textura da pele, e que remetem a posições políticas e ideológicas. Ou seja, a tatuagem da década de 1950, direciona certos sentidos para o sujeito e o inscreve no simbólico marcando-o na pele a nacionalidade, emblemas patrióticos.

A tatuagem adornou nesse período a pele de mulheres, que eram chamadas de *pin-ups* e mesmo senhoras de família que faziam uso de tatuagens (em partes reservadas do corpo), que por possuírem grande número de tatuagens eram denominadas de *atomic ladies* (MIFFLIN, 1997).

Já nos anos 60 e 70 do século vinte, a tatuagem começa a fazer parte do cenário da indústria pop e da contracultura. O movimento dos hippies e a cultura *Rock'n'Roll* foram determinantes para os que queriam marcar seu corpo. Mesmo assim, a tatuagem permanecia à margem e simbolizava uma forma de protesto social. (SCHIFFMACHER, 1996). A partir dos corpos de personagens famosos, artistas, músicos, atores (Janis Joplin, Sean Conery, e David Bowie entre tantos outros, tatuados) o gesto de tatuar passou por transformações até tornar-se socialmente “aceitável” em quase todas as esferas sociais. Tatuados famosos do século XX estão Charles Chaplin, o pugilista Mike Tyson, Gérard Dépardieu e as atrizes Beatrice Dale, Melanie Griffith, entre outros. Discursivamente, tem-se um percurso da tatuagem que implica em modos distintos de relação do sujeito com o corpo (tatuado) em sociedade.

Franz Kafka, em sua obra *A colônia penal* narra sobre uma máquina extraordinária que tatua a sentença no corpo do acusado, marcando-o de acordo com o crime cometido. Entretanto, o sujeito não sabe qual seu crime e sua pena. Palavras são subtraídas, é na pele, nas costas em desenhos que a máquina fará que o condenado enfim saberá. Gabriel Garcia Márquez em *Cem anos de solidão* através dos personagens, um dos José Arcádios junta-se

aos ciganos e vai embora de Macondo, e na sua volta traz seu corpo tomado por tatuagens, causando alvoroço entre as mulheres da cidade.

Os nazistas na identificação de judeus utilizavam carimbos grotescos com números formados por agulhas: um zero, dois três e dois seis ou nove, para formar números destinados para identificar os prisioneiros. Esse tipo de marcação nos judeus foi feita exclusivamente no campo de Auschwitz<sup>5</sup>.

Atualmente a tatuagem produz pela linguagem deslocamentos e ampliam-se seus ramos de atuação sendo utilizada em diversas práticas. A maquiagem definitiva é uma destas que utiliza as mesmas técnicas de pigmentação, assim como o procedimento que identifica o tipo sanguíneo através de uma *tattoo*. Com o surgimento dessa técnica, surgiram boatos de alguns grupos de extremistas impondo aos portadores do vírus HIV usar uma marca, identificando-os por um desenho/escrita em seu corpo. Uma posição preconceituosa que certamente conduziria a um retrocesso na arte de tatuagem em que a história já nos mostrou essa mesma segregação com grupos marginais à sociedade em épocas distintas.

No Brasil, a tatuagem é inserida em algum momento do século dezenove, mantendo sua tradição trazida por marinheiros americanos e ingleses nas cidades portuárias. Ela atracou em nossos portos assim como em vários portos do mundo, como conta sua história. De simples marca identificatória entre marinheiros a adorno pelas prostitutas. Dessa forma, a tatuagem espalha-se rapidamente, mesmo não existindo tatuadores residentes, assim era preciso aguardar tatuadores que chegavam junto aos navios, ficando eles curto período de tempo em terras brasileiras.

Segundo as teorias do médico criminalista Cesare Lombroso, no início do século vinte, a tatuagem era considerada prova de culpabilidade dos acusados. Em sua obra *O homem delinquente* dedica um capítulo para tratar da tatuagem, categorizando-as por tipos de desenhos e a que classes pertenciam, enfatizando a incidência de tatuagens em criminosos e delinquentes. Assim, esse imaginário de criminalidade associado à tatuagem se desdobrava e as polícias das cidades portuárias brasileiras viam na propagação da tatuagem uma forma pendular para a disseminação da criminalidade. Entretanto, à época, a tatuagem se limitava e surgia apenas com tatuadores “transitórios”, que trabalhavam temporariamente nos portos, ganhavam algum sustento e logo retornavam a seus países de origem, em maioria americanos, escandinavos, gregos, entre outras nacionalidades.

---

<sup>5</sup> [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2014/03/13/interna\\_mundo,417313/placas-usadas-para-tatuagem-prisioneiros-judeus-sao-doadas-a-auschwitz.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2014/03/13/interna_mundo,417313/placas-usadas-para-tatuagem-prisioneiros-judeus-sao-doadas-a-auschwitz.shtml)

No Brasil foi Lucky, dinamarquês, residente aqui desde julho de 1959, o primeiro tatuador a se estabelecer à época com o nome artístico *Mr. Tattoo*. Na edição de 04 de dezembro de 1975 o jornal *O Globo* destaca: Lucky é o único tatuador profissional em toda América Latina. O termo “profissional” inscreve o tatuador a um perfil outro, que o descola da posição sujeito como sendo aquele que transgride a lei. De certa forma, institui-se o profissional de tatuagem na/para a sociedade.

Nos anos de 1970, a tatuagem afasta-se dos portos e da marginalidade. Entretanto permanece junto ao mar. A chamada “juventude dourada” formada por jovens da Zona Sul do Rio de Janeiro tem a tatuagem como a mais nova sensação. Há um deslocamento dessa linguagem aumentando visualizações nas praias em corpos marcados e bronzeados. Tatuadores como Lucky começam a ter uma clientela diferenciada composta de jovens cariocas que se locomoviam até Santos para se tatuar com o dinamarquês. Surfistas foram os grandes divulgadores das tatuagens à época no Brasil. Nos anos de 1970, seus corpos marcados propagandeavam as tatuagens. E um desses jovens, José Artur Machado – Petit – era símbolo dos jovens bronzeados, surfista da praia de Ipanema serviu também de inspiração para Caetano Veloso que o imortalizou em 1979 com a composição da música *Menino do Rio*, clássico da Música Popular Brasileira (MPB) na voz de Baby Consuelo.



Figura 02: José Artur Machado “Petit” (direita) e Rico de Souza<sup>6</sup>

A canção na interpretação de Baby Consuelo soa como hino da geração dourada, tamanha é sua influência que a Rede Globo de televisão a nomeia como música tema da novela *Água Viva* no ano de 1980.

---

<sup>6</sup> Fonte: <https://estudioatattoo.wordpress.com/2013/04/15/a-historia-da-tatuagem-no-brasil/>



## Menino do Rio

Menino do Rio/Calor que provoca arrepio/Dragão tatuado no braço/Calção, corpo aberto no espaço/Coração, de eterno flerte/Adoro ver-te/Menino vadio/Tensão flutuante do Rio/Eu canto pra Deus/Proteger-te/O Hawaí, seja aqui/Tudo o que sonhares/Todos os lugares/As ondas dos mares/Pois quando eu te vejo/Eu desejo o teu desejo/Menino do Rio/Calor que provoca arrepio/Toma esta canção/Como um beijo.

(CAETANO VELOSO, 1979)

Rompendo com a tradição de escrever e cantar canções sobre a beleza feminina em consagração ao Rio de Janeiro, a composição de Caetano Veloso toma a imagem de um corpo jovem masculino, esbelto, um corpo tatuado; “dragão tatuado no braço”. Há um corte em que se projeta, revela, pelo funcionamento do discurso musical, o deslocamento/movimento da tatuagem, antes uma linguagem das regiões periféricas (portos) para a MPB. Ou seja, na/pela música a tatuagem se insere nas praias do Rio de Janeiro, reduto de jovens de classe média. “[...] no confronto do mundo e da linguagem, entre o sedimentado e o a realizar, na experiência e na história, na relação tensa do simbólico com o real e o imaginário, o sujeito e o sentido se repetem e se deslocam”. (ORLANDI, 2012a, p. 53).

Discursivamente, os músicos se marcam, deslocam inscrevendo em suas composições a tatuagem. Esse processo implica efeitos de sentido na sociedade. Ou seja, a escrita da letra da música tem o atravessamento das formações discursivas que intervém nas formações ideológicas que se marca em uma posição política que agrega valores.

Na escrita da letra “Quero ficar no teu corpo feito tatuagem...”, tal como Caetano Veloso, outro ícone da MPB – Chico Buarque – em parceria com o cineasta Ruy Guerra compõem uma canção chamada *Tatuagem* que faria parte da peça teatral *Calabar: o elogio da traição, entretanto*, a peça prevista a estreia para 1974, ficou seis anos censurada pelo regime militar, podendo estrear somente no início da década de 1980. Apesar da censura de peça, Chico Buarque pôde lançar a trilha-sonora da mesma em 1973 com a canção *Tatuagem* – escrita pela perspectiva de uma mulher loucamente apaixonada dizendo que quer se fixar no corpo do amado “feito tatuagem”.

A tatuagem, tematizada na canção, tem um desdobramento significativo na sociedade. A letra ganha os espaços da mídia, tanto a televisão como o rádio, os quais fazem circular a

época produzindo para a tatuagem outros sentidos. Um movimento denso que se rompe pelo simbólico de dizer na/pela música MPB.

Na capital paulista o movimento *punk* surge das periferias e a tatuagem é uma marca desse grupo, propagando-a. Com a crescente procura pela arte de marcar o corpo, tatuadores profissionais estrangeiros chegam ao Brasil; assim como cresce o interesse pela profissão entre os brasileiros, onde alguns ainda desenvolvem a arte de modo manual, com agulha e nanquim. A profissionalização dos tatuadores se dá na década de 1980. No Rio de Janeiro, uma mulher destaca-se como a primeira tatuadora do país, em 1980. Inaugura seu estúdio com acomodações confortáveis, decoração pontual e com ótima localização, atraindo assim não apenas os integrantes da chamada juventude dourada, mas uma clientela heterogênea.

Nos anos de 1990, o reconhecimento profissional do tatuador torna-se concreto em nosso país. Pode-se encontrar um grande número de municípios com estúdios qualificados e profissionais capacitados em marcar a pele com sua arte, atraindo públicos cada vez mais distintos, exigentes e faixas etárias diversas.

O modo de inscrição da tatuagem tem no percurso sócio histórico, sua significância. A tatuagem toma distintos sentidos, diferentes formações imaginária em épocas distintas, quando observados as formações discursivas, as posições ideológicas por distintos sujeitos em distintas épocas. Sendo a tatuagem tomada como suplício no âmbito do discurso religioso, dos navegadores, dos manicômios e presídios tem uma significação. Ou se tomada pela inscrição na música, no estético, na beleza e mídia a tatuagem/corpo tem outros sentidos que se movimentam, deslocam.

O corpo é sentido. Um adorno da presença, um lugar de encenação de si próprio. “Os sujeitos são seres simbólicos e históricos”. (ORLANDI, 2010, p.626). O anseio da transformação corporal tornou-se um lugar-comum. O corpo é uma construção pessoal, um objeto metamorfoseado. Há um jogo entre o homem e seu corpo, no sentido duplo do termo em constituir-se, já que sujeito e sentido se constituem juntos, afetados ideologicamente. Sabe-se que há milhares de sujeitos que se tornam artífices incansáveis de seu corpo, alimentados pela aparência, a imagem de um corpo socialmente aceito. (LE BRETON, 2004). Cabe dizer que, vivemos em uma sociedade capitalista de consumo que valoriza a imagem e o imediatismo.

## 1.4 Olhares sobre o corpo na atualidade

O corpo exposto é um dos atributos da contemporaneidade, passando cada vez menos despercebido, ele é uma superfície notória, na qual, o sujeito metaforiza seus interesses, paixões, inconsciente e ideologia mediatizado pelo discurso. Sua pele é o pergaminho de sua história. É a textualização, o registro de momentos marcantes de sua existência, um sentido ímpar para si. Sendo a imagem e o imediatismo latentes em nosso cotidiano, a provocação do olhar alheio (pulsão escópica<sup>7</sup>) revela o desejo pela notoriedade, pela estética e o exibicionismo apreciado no culto ao corpo acentuado em nossa sociedade. Sendo assim, Azevedo (2014, p. 323) reforça que “[...] o corpo é um lugar de opacidade que ganha sentido pelo olhar”. É através do corpo que o sujeito se inscreve no mundo. Lugar de simbolização, metáfora. Corpos que circulam produzindo sentidos.

Estaria a tatuagem a serviço das subjetivações referentes ao culto ao corpo? Fato é que o tratamento dado ao corpo no ocidente engloba sua visibilidade e espetacularização.

Na contemporaneidade se observa uma tendência pela proliferação de produtos, tecnologias e saberes especializados dirigidos para o embelezamento do corpo (SANT’ANNA, 2000). Uma verdadeira revolução e exploração do corpo pelo capitalismo. Idolatrar o corpo rompendo com o passado de proibições – religiosas e morais – é para Sant’anna (2000) parte de um movimento mais amplo de liberação progressiva, resultando na emergência de novas experiências de subjetividade.

Uma sociedade consumista da imagem, onde o olhar adquiriu destaque com essa lógica de espetáculo do corpo. O olhar e o ser olhado são características da estetização e espetacularização do corpo, tornando-o mercadoria preciosa que deve ser cuidada para continuar jovem, saudável, produtora infatigável de prazer (SANT’ANNA, 2002). É uma subjetivação do corpo modo de se colocar, de alcançar reconhecimento social, notoriedade, visibilidade através principalmente do consumo de bens de serviço voltados para a construção da imagem corporal. Criam “necessidades” demonstrando sua imprescindibilidade no viver ocidental é estimulado a cada posição-sujeito.

No contemporâneo, há uma projeção imaginária do corpo como espetacularização. Movimenta-se o olhar, a tecnologia e os efeitos de sentido sobre o sujeito, a forma material significativa – o corpo. A aparência é estimulada, e o corpo é o suporte para as transformações

---

<sup>7</sup> A pulsão escópica, conceito psicanalítico desenvolvido por Jacques Lacan, que representa o prazer de ver e ser visto, que tem o olhar como objeto de desejo.

e marcações nessa sociedade da imagem. Observemos a (fig.02), de ampla circulação na mídia.



Figura 03: MC Guimê<sup>8</sup>

Figura (02), Guilherme Aparecido Dantas, o MC Guimê, cantor e compositor do chamado funk ostentação, destaque na capa da Revista Veja exhibe um corpo esculpido estampando diversas tatuagens em toda superfície do seu tórax, braços, mãos e algumas nas regiões do rosto. Essas tatuagens movimentam diferentes formações discursivas, modos de subjetivação, memórias que remetem as diferentes condições de produção de cada tatuagem. Estas funcionando no corpo como ícones que se entrelaçam transgressão de imagens, que marcam presença, uma textualidade discursiva, que se inscrevem no discurso de uma juventude que resiste ao sistema social dominante – o capitalista – e que busca expor esse posicionamento ideológico por meio de atitudes que fujam da “normalidade”, impingindo no corpo pela palavra e pelas imagens, “vozes discursivas outras ecoando nos sentidos de um

<sup>8</sup> Fonte: Revista *Veja*, Edição 238. Nº 5. Ano: 2015.

certo corpo, a partir de dentro de sua própria pele, penetrando-a”. (BALDINI e LEONEL DE SOUZA, 2012, p. 81).

Assim, através da tatuagem, o sujeito grava no tecido da pele seu desejo, sua interpelação num processo de textualização do corpo. Pele que, como diz Abreu (2013), “se transforma em texto em uma junção de linguagens – palavras, imagens, cores, que ganham estatuto na história”. (p.143). Na (fig. 02) observa-se essa junção de linguagens, na superfície do corpo e que a mídia faz movimentar distintos sentidos, leituras. A Revista Veja, em nota no *lead* aponta que “MC Guimê fez um clipe visto 42 milhões na internet”; isto significa pensar pelo número de visualização o modo de circulação da imagem da interpelação da posição sujeito músico, e nesse conjunto o corpo/tatuagem tem a sua notoriedade.

Para Orlandi (2006) trata se de gestos simbólicos que individualizam a inscrição de símbolos na pele como forma de significação, afirmação de si. Para Orlandi, “Na ausência de laços que unem os sujeitos de forma menos impessoal, ele busca nos símbolos incrustados em sua pele um vínculo que o ate ao ‘seu’ mundo. Buscando assim pertencimento e sentido”. (2006, p.25-26).

Diante disso, compreendemos que o sujeito se identifica com a língua para dizer e com seu corpo para significar. “Assim, é possível dizer que a tatuagem está associada, em sua configuração contemporânea, a um ato de transgressão”. (AZEVEDO, 2014, p.08). Através da tatuagem, o sujeito textualiza na pele o seu desejo, a sua interpretação e a sua interpelação.

Acontecimento de linguagem que coloca o corpo num pedestal, uma construção pessoal visada pela sociedade, onde o olhar do outro é incentivo para transformações de sua existência. O sujeito projeta pelo corpo uma posição ideológica na sociedade ocidental contemporânea. Nota-se pelas exigências a ele imposta, discursos e apelos dos quais é ator principal. Imagens de corpos “perfeitos”, esculturais, vistosos, malhados são veiculadas em outdoors, capas de revistas, na televisão, no cinema, nas academias. Cultua-se a imagem, determinando padrões.

Dessa forma, há um culto ao corpo, padrões construídos socialmente, que ressaltam uma cadeia de procedimentos de cuidados e modificações corporais. As modificações corporais atingem altos índices de crescimento, no que se refere à sua presença crescente nas mais distintas classes sociais quanto as diferentes técnicas de modificação corporal – *body*

*modification*. Diversas são as práticas estéticas e, cirúrgicas pelas quais o corpo é submetido constantemente na sociedade contemporânea.

Para Ortega (2006, p. 45) “[...] o imperativo do cuidado, da vigilância e da ascese constante de si, necessário para atingir e manter os ideais impostos pela ideologia da saúde exige uma disciplina enorme”. Portanto, ter um corpo tão simplesmente não é aceitável, ele deve ser um corpo perfeito, enquadrado em padrões pré-determinados, deve ser a imagem de um corpo socialmente aceito. Uma matéria bruta a ser esculpida seguindo o “[...] design do momento”. (LE BRETON, 2008, p. 28). Investir no corpo é uma necessidade e resposta do indivíduo às incertezas vividas, às perdas e desestruturação dos laços sociais e afetivos, perda de valores e significados coletivos que contribuem para a composição do mundo simbólico. Essa perda produz um sentimento de insegurança, levando-o a encontrar no corpo, literalmente na pele através das tatuagens a distinção dos moldes contemporâneos de uso do corpo. O corpo funcionando, como vitrine.

A tatuagem constitui discursivamente um modo de se demarcar no coletivo, um movimento de discursos que se rompe na pele, em que se robustece e opacifica a densidade semântica da imagem pela captação do olhar do outro. A imagem continua em foco, num procedimento distinto. Não se valoriza o transitório, a instantaneidade de um modismo contemporâneo, mas a caracterização do simbólico, impregnando na pele permanentemente. São práticas abarcadas por uma lógica de mercado que não ousamos negar, contudo, está a serviço de uma simbolização, uma subjetividade corpórea, ideológica.

O corpo enredado em uma vivência senso-perceptiva de dor e prazer. Nessa dimensão, a pele constitui uma superfície privilegiada de sensações. Experimentar sua humanidade é sentir na pele sua existência. E a tatuagem realiza essa consideração, inscreve na pele do sujeito sua própria história, registra-se na superfície do corpo uma existência. Muitos são os sentidos atribuídos às tatuagens e que simbolizam. Compreendemos que o corpo possui sua função social, não como mero reproduzidor dessas práticas. Na valorização da imagem o corpo pode ser palco junto à reprodução de práticas que cultuam a aparência, mas não apenas isso, “[...] as tatuagens transformaram-se em acessórios de beleza que não se gastam, um adereço definitivo [...]”. (LE BRETON, 2004, p. 20).

### 1.4.1 A construção da beleza

Os corpos são produzidos de formas distintas em distintos momentos históricos, sociais e culturais. Cada sociedade elenca características que projetam o que o sujeito deve ser, sobretudo, no aspecto corporal. Relações sociais que ditam padrões configuram e constroem “modelos” socialmente aceitos e projeta de forma imaginária no/para o sujeito um ideal de beleza que tem a ver com questões ideológicas. “Nesse mundo da imagem, em que a presença física deve se impor de imediato, a beleza existe como primeiro fator de atração”. (VIGARELLO, 2006, p.157).

O cinema, assim como as mídias exploram a imagem, por seu alcance espantoso na sociedade globalizada e tem a faculdade de exacerbar e propagandear critérios de beleza. A sétima arte “brinca” com os corpos, produz efeitos de sentido no espectador. A linguagem cinematográfica propõe novos contornos para o corpo, novas marcas, novas silhuetas, padrões e modificações corporais. O cinema joga com as formas do corpo, transformando banalidades em tendências. Utiliza-se de recursos tecnológicos para ampliar a visão do corpo numa dimensão simbólica. No século XX, o que significa essa busca constante pelo seu “próprio” corpo, uma renovação da sua imagem corporal atrelada a modelos e modismos contemporâneos?

Brigitte Bardot produziu tantas rivais que um consumo em todos os sentidos estimulou as paixões tanto de imitação como de afirmação. As revistas, em primeiro lugar, multiplicadas nos anos 1960, insensivelmente generalizaram a cultura da estética e dos cuidados: a publicidade ocupa de 60% a 70% das páginas de *Elle*, *Vogue* ou *Jardin des Modes*, em 1960, quase o dobro do que se ocupava nos anos 1930. O peso do visual se impôs: fotos de rostos ou corpos ampliadas em página inteira. (VIGARELLO, 2006, pg.173).

A divulgação da imagem, a massificação do incentivo ao consumo na busca pelo embelezamento corporal torna-se pela primeira vez uma prática disseminada e globalizada. Os efeitos são o desenvolvimento das práticas estéticas em grande escala desconhecidas até então. A expansão inesperada do embelezamento, suas multiplicidades, não se aplicam somente pelas práticas de consumo. Ou seja, o sujeito é interpelado, capturado pelo inconsciente, ideologicamente. Nos dias atuais essa busca está reduzida ao sujeito, seu corpo, sua presença. O sujeito sente-se no direito de se marcar.

O Estado conduz o sujeito de direitos e deveres projetando o que deve/devia ser. A roupa, as condutas, o corpo são formas distintivas do sujeito na sociedade. O sujeito tem a ilusão de ser ele o responsável por seu modo de agir, vestir, expressar sua imagem pública, ser notado pelo que manifesta fisicamente, corporalmente. Ele é seu visual, sua aparência. Nesse jogo de linguagem tem-se o sujeito afetado pelas relações sócio-históricas e ideológicas. O sujeito é produto do capitalismo, da indústria incessante da beleza em que se misturam o sentimento de poder ter domínio sobre a aparência e a capacidade de transformá-la em marca da sua existência.

Não há dúvida de que essa figura tem origem histórica e coletiva: o advento de uma sociedade de serviços, a propagação do consumo, a dependência do indivíduo a 'círculos' sempre mais diferentes da vida social estimularam sua aparente autonomia, sua 'deslocalização', enquanto se aceleravam as mobilidades e os mercados. Uma intensa personalização do parecer se impôs como fenômeno de massa e também em princípio imediato de valorização. (VIGARELLO, 2006, p. 182).

A imagem corporal, a consciência do seu corpo ganhou intensidade, desperta o desejo pelo novo, ousa embelezar um corpo que discursa um corpo que exprime uma linguagem que lhe é própria. Materializar no corpo sua essência, marcar sob a pele símbolos, frases, através da tatuagem tem o seu significado, não é transparente. Torna-se necessário o questionamento à materialidade que se expõe à superfície, tela do corpo.

Assim, na contemporaneidade, a corporeidade não aponta tão somente para o dilema de corpo almejado e corpo escultural, mas visa à consolidação das aspirações mais diversas possíveis que tem a ver com as condições de produção do contexto imediato. Dessa forma, "O corpo parece óbvio. Mas a evidência é frequentemente o mais curto caminho do mistério". (LE BRETON, 2013 p.08). O corpo em evidência faz pensar que é a evidência que mascara a realidade e produz a naturalização dos sentidos. No processo de "construção do corpo", é de nosso interesse o discurso produzido pela mídia atual, materializado na prática de *body modification*, mas especificamente a tatuagem, que dá corpo, corporifica distintos grupos, sujeitos que a mídia expõe à sociedade. Nessa direção tem-se outra forma de olhar e ver a tatuagem.

Daí o nosso foco, neste trabalho, ser observar, analisar como a tatuagem é alocada pelos grupos, participantes do *Reality show* Big Brother Brasil, da Rede Globo de Televisão, um espaço que tece por longo período o olhar do outro. Essa marca inscrita na pele nos faz pensar os movimentos de escrita na pele e o modo de construção de sentidos da simbolização



da tatuagem na atualidade. Queremos com isso dizer que não faremos uma escrita densa sobre o *Reality show*; uma vez que nos interessa pensar que pelo efeito de confinamento, próprio do programa observa-se a presença constante de marca na pele de um número significativo de participantes, a cada grupo em específico. Isso nos move a pensar o sujeito/corpo/tatuagem, entendendo que a materialidade discursiva não é transparente.

## CAPÍTULO II

### CORPO TATUADO, MÍDIA E CONSUMO

*A proximidade da experiência corporal e dos signos que a manifestam aos outros, a partilha comum dos ritos que constituem a sociabilidade são as condições que tornam possível a comunicação, a constante transmissão do sentido no interior de uma sociedade dada.*

(Le Breton, 2013, p. 191-192)

#### 2.1 Mídia e culto ao corpo

Vivemos em uma época marcada pela tecnologia, midiática constituída em páginas de inúmeras revistas, programas televisivos, grandes portais de informação na internet, redes sociais, aplicativos de troca de mensagens para smartphones como *WhatsApp*, programas de rádio, artes visuais, cinema, entre tantos outros meios, produzindo no sujeito múltiplos efeitos e proporcionando pela linguagem essa mediação com o mundo em uma velocidade que impressiona. Esses meios de informação tecnológicos estão discursivizando distintos assuntos dentre os quais o discurso sobre o corpo.

O leitor/ouvinte/telespectador é interpelado e produz sentidos pela intensa circularidade viabilizados pelas imagens, discursos que interferem em sua faculdade de discernir os fatos pelo volume de informações multiplicados pelas tecnologias da informação.

Dessa forma, o corpo contemporâneo é arquitetado por uma linguagem obtida por muitos meios. Meios esses que deliberam como esse corpo deve se apresentar, pois ideologicamente a linguagem não apenas retrata o social, mas o simula, inventa-o. Essas informações, essas linguagens possibilitam e criam uma visão sobre/e do corpo, cunhando-o como um produto sócio-histórico-cultural.

A mídia ao desempenhar seu papel produz uma homogeneidade, no intuito de que não tenha dispersão dos sentidos. Trabalhando como mediadora entre os leitores, a mídia tem participação ativa em nossa sociedade na construção dos discursos que circulam:

Os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é “necessário” pensar, reter, esperar, etc. A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas – o que é bastante diferente –

transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a um outro. Seja no interior de cada enunciado, uma vez que o enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado. (DELEUZE; GUATTARI *apud* GOMES, 2003, p. 101).

Na abordagem por esses autores, percebemos que as repetições de temas usados pelas tecnologias da informação operam como sistema disciplinador, a repetição funciona ideologicamente como responsável pela fixação. Nessa atuação do repetível, da circularidade a mídia dissemina e produz efeitos de sentido. Uma mecanização discursiva direcionada a seus interesses.

A constituição dos meios midiáticos ditada pela regulação do dizer produziu/produz um silêncio, entendido por Orlandi (1992, p. 105) “[...] não como ausência de palavras, mas como calar o interlocutor de sustentar outro discurso. O silêncio se produz em condições específicas que constituem o seu modo de significar”.

Desse modo, a atividade jornalística é moderada pelo discurso jurídico, instituindo cerceamentos no dizer, criando um imaginário de imparcialidade jornalística. “Com isso ela acredita estar informando, embora o fato de agir dentro da lei nada mais seja do que manter-se ajustada ao modelo de sujeito então predominante”. (MARIANI, 1998, p. 52). A autora reforça ainda que não seria possível pensar a mídia e seu funcionamento na circulação dos sentidos sem compreender de que forma ela se institui ou de que forma irrompe ou sedimenta sua compreensão da realidade.

A mídia como instituição é monitora, regula e domina os modos para obter seus objetivos definidos pela cultura de interesses e intenções, agindo como disseminadores de práticas sociais que legitima uma opinião sobre os fatos pautados em suas posições ideológicas e interesses outros. A compreensão das formas de constituição da mídia e do jornalismo, investidos por uma memória discursiva precedente, são de relevância em análises das textualizações abarcadas durante nossa pesquisa. Sabe-se que em nenhuma outra época foi disseminado um volume grandioso de imagens do corpo humano através dos meios midiáticos. Televisão, cinema, revistas, redes sociais contribuem disseminando “padrões de beleza” insistentemente divulgados. O meio midiático dispõe de mecanismos competentes, produzindo efeitos de sentidos poderosos, ditando sobre os corpos comportamentos, construindo e alterando identidades. Tomando um papel de divulgador, portador de saberes nesse espaço de silêncios, significativos.

Foucault (2000) tratando da genealogia dos poderes discorre sobre sociedades disciplinadoras, na qual o poder, desempenhado sobre o corpo, cumpre técnicas e estruturas

que organizam o sistema de submissão e vigilância. O autor defende que o poder está essencialmente vinculado ao corpo, defendendo que é sobre ele que obrigações são impostas, imitações são desempenhadas e proibições exercidas. A docilidade se dá no sentido de submetê-lo, de adestrá-lo, de decompô-lo em função do poder.

A mídia inscreve distintas posições ideológicas e dissemina o que lhe convém, toma o sujeito, pelo discurso, e ajusta-o conforme seus interesses, direcionando os sentidos às estruturas do poder, produzindo, assim, uma relação próxima ao sujeito.

Dessa forma, presenciamos uma cultura de consumo que é definida como um conjunto de práticas e representações que estabelecem uma relação de estética e estilo com os produtos. O estilo de vida é definido por Bordieu (1982, p. 84) como sendo “[...] um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem corporal, a mesma intenção expressiva”. Refere-se a um consumo no qual os atributos simbolizados nos produtos sofrem manipulação em função de uma especulação motivada pelo consumismo. Toda simbologia atribuída aos produtos, em função de suas características na manipulação são decorrentes da elaboração de estilos de vida.

A linguagem publicitária utiliza-se de revistas, televisão, redes sociais, rádio, internet, para difundir ideologicamente o consumidor com seus anúncios; não há dificuldades nem distância para adquirir os objetos de consumo. A discursividade dos anúncios conduz o sujeito a um universo de realizações e prazeres momentâneos ao seu alcance. Sujeitos são interpelados pela ideologia. Quanto maior o volume de informações, mais se encarrega de dar sentido a sua existência preenchendo-a de produtos preventivos, cuidados excessivos. Esse transbordamento de informações dos mais diversos assuntos faz da mídia um instrumento admirável, porém alguma coisa falha no sujeito e falha porque a língua não é transparente. Concordamos conforme Orlandi (2000, p. 10) que não há isenção “[...] diante de qualquer fato, de qualquer objeto simbólico somos instados a interpretar, havendo uma injunção a interpretar”.

Afetados por um discurso midiático do/sobre o corpo, os sujeitos são, decisivamente, acometidos, o que gera perturbações, identificações e interpretações ou não, de acordo com seu imaginário. Na medida em que é capaz do equívoco ou do deslize, a língua permite lugar para a interpretação (ORLANDI, 1998). Para a Análise de Discurso, compreender a língua significa compreendê-la fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, constitutivo do homem e da sua história. Assim, a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade do

discurso é a língua, pois “[...] não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. (PÊCHEUX, 1975 *apud* ORLANDI, 2013, p 17).

A publicação de imagens do corpo faz dele elemento de curiosidade, desse modo as imagens que o exploram evoluem em virtude das novas tecnologias. O olhar contemporâneo afetado pela necessidade de anatomizar, fragmentar o corpo produzindo imagens seus detalhes mais ínfimos, tomando assim um conhecimento e uma autoridade sobre o corpo nunca antes obtida de suas constituições físicas e de seus desacordos e semelhanças.

No momento em que jornais, revistas, televisão e internet transmitem imagens, reprodução de um distinto corpo, em um distinto programa incita a questionamentos sobre a opacidade da textualização do corpo. Despertando empenho por parte dos sujeitos de identificá-lo, compreendê-lo em algum espaço social. Em Le Breton (2006), compreendemos que a condição humana é corporal. As formas como vemos o mundo e balizamos os espaços se dão no/pelo corpo que identificamos as linhas sociais que nos posicionam no mundo, tanto pela representatividade que o corpo significa, quanto pela interpretação dada pelos outros. A idade, aparência, a cultura corporal de gestos, o sexo; enfim essa totalidade se dá no corpo, pois é no corpo que a vida se realiza.

## **2.2 A mídia (marca)ndo o corpo**

A sociedade contemporânea cultua uma necessidade de definir tendências, padrões, classificações, com o intuito de afastar aqueles que não pertencem aos modelos divulgados pela mídia e estabelecer uma aceitação dos modelos divulgados nas plataformas midiáticas. Cada sociedade tem sua visão de mundo e define seus moldes corporais, pautados em seus saberes sobre o corpo, de acordo com as determinações sócio-históricas e políticas do grupo lhe conferindo sentidos e valores, aliás, como observa Orlandi (2012. p. 25) “[...] não há corpo que não esteja investido de sentidos”.

A imagem do corpo contemporâneo é concedida e divulgada amplamente pelos meios midiáticos (especificamente a televisão) com aspectos produz no leitor/ouvinte uma (ilusão) ideal de corpo, aceitável em sociedade. Lembramos aqui do Estágio do Espelho de Lacan (1966), onde a criança imagina ver sua imagem refletida no espelho e, nesse ato, pensa também reconhecer o seu próprio corpo. Mas a imagem refletida diante de si não é a criança, é o Outro. Mostrando assim que o ser humano será um ser que busca sua completude desde o

nascimento. A mídia é conhecedora dessa “carência”, busca incessante de nos encontrar, de (tentar) materializar no corpo nossos anseios, aspirações, a essência de uma vida que ainda não encontramos. A incompletude.

O corpo em nossas sociedades torna-se suporte para ser modelado segundo as condições de produção do momento. A ânsia de transformar o próprio corpo tornou-se um lugar de questionamentos, considerando que o corpo é uma construção pessoal. Assim, não nos contentamos com o corpo que temos a modificar é preciso, mudar para completá-lo ou torná-lo conforme o ideal que dele é divulgado pela mídia. É preciso autenticidade, acrescentar-lhe a sua própria marca na ilusão de toma-lo para si.

A tatuagem é a marca que a mídia tem exposto não como mero adereço, mas como parte integrante da estrutura, superfície corporal. Texto onde se materializa a ideologia. Hoje, cada sujeito é levado a uma construção da sua própria identidade, através da globalização da cultura; a transformação estética em si da cultura alheia somos artesãos da nossa existência corporal.

Nossa vida cotidiana nas cidades é puramente visual, as informações que obtemos sobre os outros vêm da aparência. Conforme Motta (2012), o modo de projetar o corpo da cidade de se dizer desse corpo, pelo jurídico, também tem um funcionamento visual em que suas marcas, cicatrizes, segregação se tornam ideologicamente “invisíveis”.

Nessa linha de raciocínio, no que toca o sujeito à originalidade de sua tatuagem, seu *piercing*, suas roupas, estes também funcionam ideologicamente como meios de supervalorização do corpo de afirmar sua individualidade, confirmar a sua presença para si e para os outros. Símbolos destinados a não passar despercebidos e passar a existir no olhar outro ou ter para si esse sentimento. “São rituais íntimos de fabricação do sentido de uma maneira menos brutal que as condutas de risco, mas resultam da mesma necessidade interior de dar sentido e relevo a sua existência”. (LE BRETON, 2000, p. 20).

Hoje, a tatuagem é apresentada como marca de embelezamento do corpo, há um deslocamento da imagem associada à marginalidade. São movimentos, discursos, transformações marcadas na pele contribuindo para um sentimento de pertencer a si, de identidade do sujeito. O corpo é tomado como suporte da arte, é transformado em “tela” que divulga, produzindo efeitos de sentidos. Há traços investidos pela ideologia do consumismo, do capitalismo.

Nas nossas sociedades a interioridade reflete em sua aparência, percebendo em sua superfície, fazendo valer Valéry (1960, p. 215), quando diz que “o que há de mais profundo

no homem é a pele”. Essa necessidade de autocompletar por iniciativa própria um corpo insuficiente aos seus olhos e da sociedade.

A tatuagem tornou-se um mecanismo de construir um sentimento de si, de promover sua identidade, aproximando-se de uma imagem tida como mais favorável. Esse deslocamento da tatuagem de uma margem periférica da sociedade para centro das atenções e ações no corpo contemporâneo cresce constantemente com empenhos distintos como se tratasse de algo ainda a ser sempre melhorado um corpo “inacabado” e imperfeito que o sujeito esforça-se para melhorar com marcas corporais. Uma ilusão do controle de si, uma atividade incansável. É uma reapropriação de si, do seu corpo, é ter a ilusão de estar novamente sob controle um mundo antes distante, uma marca que devolve ao sujeito o sentimento de direito sobre si. Uma assinatura de si na qual o sujeito afirma-se numa determinada identidade, uma autoafirmação de sua imagem, numa sociedade que a valoriza constantemente através da mídia.

Uma crescente atuação e manipulação da mídia na formação de mentalidades transformaram as formas de definição do sujeito na sociedade ocidental. Atualmente, a publicidade, além de exibir cosméticos “milagrosos”, fórmulas mágicas, equipamentos e técnicas de cirurgia plástica para o “aperfeiçoamento” do corpo, promove a assimilação de certos atributos corporais à popularidade social.

A grande massa é induzida, ideologicamente, a maravilhar-se e a querer imitar o estilo de vida dos ícones midiáticos, como artistas, astros da música, jogadores de futebol e outras personalidades midiáticas. Entretanto, almejar esse mundo glamoroso é tarefa impossível para o sujeito comum, restando a seu alcance a imagem do corpo, uma tentativa de aproximação de seu ícone através dos gestos e marcas corporais. Almejar ter um corpo como o dos ídolos é a alternativa encontrada de elevar-se nem que seja imaginariamente a uma condição social da qual está excluído.

Nesse afã para alcançar o “ideal” pela mídia, indivíduos não poupam esforços, entregando-se a duras técnicas, práticas e legítimos sacrifícios exigidos ao corpo no intuito de obter o padrão divulgado pelos meios midiáticos. E as tentativas são resumidas em querer mudar totalmente, metamorfosear-se em outra pessoa, desgarrando da velha forma que consideram sem atrativo, distante dos padrões do que é considerado belo, atraente e até mesmo *sexy* pela mídia. As cirurgias plásticas alcançam números de procedimentos nunca vistos, países como Brasil, Estados Unidos e Japão ocupam os primeiros lugares em procedimentos de “correção” estética; praticam “milagres” sob a admiração e espanto. O que

temos vivenciado, na contemporaneidade e que nos diferencia de outros momentos da modernidade é uma “[...] espetacularização da imagem e seu efeito sobre a massa dos cidadãos indiferenciados, transformados em plateia, ou em uma multidão de consumidores da aparente subjetividade alheia”. (KEHL *apud* BUCCI e KEHL, 2004, p. 129).



Figura 04: Mosaico de participantes tatuados do Big Brother Brasil (colagem nossa)<sup>9</sup>

Na (fig.04) há no mosaico de imagens, recortes de distintos participantes de distintas edições do programa Reality Show da Rede Globo de Televisão, dispostos online que atuam de certa forma, a nosso ver, na construção do imaginário do sujeito, no almejo coletivo cunhando e divulgando perspectivas de felicidade por meio da estética do corpo, da construção de um corpo tido como ideal, colorido por tatuagens. A mídia comporta-se como uma influente estrutura na proliferação dessa ordem do espetáculo; Orlandi (2012, p. 179) diz “[...] o que impressiona é a sua capacidade de circulação em meio a uma grande massa heterogênea de sujeitos [...]”.

A Televisão exibindo corpos dos ícones midiáticos como objeto de aspiração e de consumo alcança diariamente e por muitas horas em sua programação milhares de telespectadores. Dessa forma, a televisão, não concede tempo e nem espaço para inconclusões ou dúvidas, ela produz “[...] acontecimento *sem* história. A Tevê produz repetição sem

<sup>9</sup> Fonte: <http://tvefamosos.uol.com.br/bbb/>



memória”. (ORLANDI, 2012, p. 180). No quadro (fig. 04) é possível depreender o funcionamento discursivo das imagens e corpos estritamente desenhados, coloridos de ampla circulação nos programas produzindo efeitos de sentido, jogando com o imaginário do interlocutor.

Dessa forma, a televisão proporciona respostas prontas, explicita o anseio do telespectador, expondo um corpo-objeto, pronto para ser aclamado e consumido, a serviço dos interesses do consumismo capitalista. A Televisão nos oferece sempre algo, através de uma contínua produção de exploração e visibilidade extrema de imagens, funcionando para o sujeito como ofertas incessantes de artigos de desejo, sendo o ideal de corpo perfeito o elemento sedutor nessa vitrine eletrônica.

A televisão exibindo alternativas na concretização de sonhos, uma oportuna vendedora de identidades de fácil realização, que nutre o desejo de realizações pessoais, assistidas pelo capitalismo pós-industrial; estilos de vida regidos com maestria por sua programação incessante, de modelos de corpos, padrões de beleza, etc. Em sua programação, o modo de vida que se oferece como exemplar para o telespectador não passa de uma subjetividade totalmente “maquiada” a seu modo seguindo padrões pré-estabelecidos daquilo que convém aos seus interesses. Mídia e medicina assumem o papel de fornecer o modelo corporal do qual devemos nos espelhar para reconstruir o nosso. “Um corpo objetivado e fragmentado, privado de sua dimensão subjetiva, o corpo como algo que temos e não algo que somos”. (ORTEGA, 2008. p. 148).

### **2.3 Reality Show: A espetacularização do corpo**

A questão do corpo, tatuagem e mídia torna-se neste trabalho ponto de discussão considerando que é a mídia televisiva que coloca, faz circular diariamente um grande número de imagens das quais chama-nos a atenção as que trazem temas relacionados à tatuagem. Dos programas televisivos tomamos o *Reality Show* “Big Brother Brasil”, exibido pela Rede Globo de Televisão, como lugar de ver como a mídia textualiza, pelo viés de confinamento, um número de participantes em que a maioria tem uma marca corporal (tatuagem). Azevedo (2014, p.330) diz-nos que: “[...] o sujeito se tatua e modifica seu corpo num gesto que sinaliza sua necessidade de significar sua própria singularidade [...] essas inscrições corporais produzem pertencimento e sentido: são símbolos marcados na pele que atam o sujeito ao grupo [...]”.

Nos séculos XX-XXI o desenvolvimento tecnológico permitiu que as formas de significar do homem ganhassem nova estrutura através dos meios midiáticos, cinema, televisão e recentemente a internet são responsáveis em criar, produzir e transmitir um produto de notoriedade que expõe modos de vida, corpos, pessoas do cotidiano, sujeitos em ambientes para convivência fechada, filmados, durante um tempo determinado. São os chamados *Reality Shows*. Programas de entretenimento que versam sobre o confinamento de pessoas em uma casa, ou outro ambiente, pessoas que se permitem ser filmadas durante todo o tempo de convivência pré-determinado. Seu formato consiste em uma duração aproximada de dois meses e, um dos participantes é eliminado semanalmente, de acordo com votações através do celular, website da emissora, feitas pelo público e outros integrantes do grupo confinado. Tendo como objetivo a permanência de um único participante (jogador), concebendo a ele um prêmio expressivo em dinheiro.

Diariamente os telespectadores acompanham resumos editados previamente ou ao vivo durante todos os dias durante as 24 horas através dos canais de *pay-per-view*, uma exposição do mais trivial do cotidiano, conflitos ideológicos, brigas, namoros, sexo. Uma busca na tentativa de demonstrar a convivência humana em um ambiente fechado. A televisão expõe corpos bem delineados, significados, tatuados. Desafios e tarefas proporcionam diversificadas reações, conflitos e brigas que produz nos telespectadores aversão ou simpatia a algum participante.



Figura 05 – Lucival Nascimento França (BBB 11)<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Fonte: [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br) (2011).

Os recortes das imagens, (fig.04 e 05) em análise, faz pensar ao que discute Orlandi (2012, p.87) que “[...] os sujeitos textualizam seu corpo pela maneira mesma como estão neles significados, e se deslocam na sociedade e na história: corpos segregados, corpos legítimos, corpos tatuados. Corpos integrados”. Formas distintas do sujeito se subjetivar, individualizar. Observa-se que um grande percentual dos participantes se apresenta tatuado como se fosse pré-requisito para a participação no *reality*. Participantes de diferentes regiões têm em seus corpos, marcas que significam e que circulam, produzindo gestos de interpretação. No entendimento de Orlandi (1996, p.18), “[...] o gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história”.

A “história” de cada tatuagem promove no cotidiano uma leitura constante pela arte de caracterizar o corpo, marcar o corpo com frases (verbal) e imagens (não verbal). A imagem quando tomada pelo analista de discurso, a partir do corpo do sujeito, toca tanto a questão do discurso e da subjetivação. (FERREIRA, 2015).

Dessa forma, os recortes, neste trabalho, do programa *Reality show* interessa nos discutir corpo e tatuagem pelo discurso. Assim, pelo percurso sócio-histórico dos programas a versão brasileira de um *Reality show* tem como precursora a produção holandesa. Em 1999, o formato de programa criado por John de Mol e Joop Van Den Ende denominado *reality show* é disseminado para outros países. Nomeado de *Big Brother*, termo utilizado por George Orwell, em seu último romance *1984*, para designar um olho eletrônico que vigiava as pessoas com a finalidade de sustentar o domínio de um Estado totalitário sobre tudo e todos. Tudo é feito coletivamente, mas cada qual vive sozinho.

A produção televisa é relativamente recente e ainda não possui um acervo literário abastado a respeito. Dentre os trabalhos existentes, um que merece menção é o de Bucci (2002), um interessante estudo crítico sobre a televisão como meio de comunicação no auge do capitalismo e da crise existencial do sujeito contemporâneo. Ele trata a partir dos campos da Comunicação, da Sociologia e da Psicanálise para embasar teoricamente seus estudos a respeito da fabricação de significações sociais pelos modos de exploração capitalista do trabalho e pela assimilação capitalista do olhar social. O autor diz que a televisão, por meio de recursos como o da imagem ao vivo, constitui-se no teleespaço público da contemporaneidade.

O encarceramento voluntário funciona como laboratório de uma “sociedade telegeneticamente modificada”, sugere Baudrillard (2001) em suas críticas sobre os “reality shows”. Quando a TV e as mídias se tornam incapazes de administrar os acontecimentos

intoleráveis do mundo, a banalidade existencial é revelada como o fato mais fatal, como a atualidade mais cruel e violenta, como o lugar dos crimes que nos causam indignação. As pessoas ficam, ao mesmo tempo, fascinadas e aterrorizadas pela indiferença de sua própria existência assim não há nada a dizer, nada a fazer.

A própria utilização do termo “reality” é objeto de crítica de alguns autores por tratar-se de uma encenação que não representa o contexto social dos participantes do programa. Pessoas reunidas em um ambiente criado artificialmente, não existindo assim qualquer autenticidade como é amplamente divulgada. O próprio processo de seleção que arrasta uma multidão em busca da sonhada participação no *reality* não tem seus critérios revelados, mas sabemos que um grande percentual dos participantes tem o corpo marcado por tatuagens.

Corpos que expressam imagens na tela que prende e desperta a atenção do leitor/ouvinte/telespectador. O corpo, materialidade sócio-histórica investida de sentidos, superfície de significações: “Simbolicamente, o corpo textualiza o sujeito, metaforizando sentidos, não somente pela letra, como no caso da tatuagem, mas pelo movimento, pela dança, produzindo efeitos que tocam as sensações.” (AZEVEDO, 2012. p. 53). A autora diz-nos como a tatuagem possibilita a produção de significações outras para o próprio corpo.

O uso de tatuagens para participação do *reality show Big Brother* tem sido mesmo uma constante, tanto que blogs, redes sociais e a mídia de maneira geral apontam que o uso de tatuagens e outras transformações ou estilos relacionados ao corpo tornam-se visualmente atrativos para a grande massa, desperta curiosidades e gera interesses ao ver o desfile de corpos torneados, bronzeados e, principalmente, tatuados. Observamos que transformações corporais têm lugar cativo na cultura contemporânea na qual a tecnologia desempenha papel relevante não apenas em produções, mas na propagação de projetos de corpos tido como aceitáveis, apresentáveis nessa cultura de consumo. A dimensão como olhamos para a tatuagem tem a ver com o político e a ideologia em nossa constituição; somos tragados por uma sensação de insuficiência corporal, o descontentamento é constante em relação ao corpo como afirma Andrieu (2004, p. 342, *apud* PAVEAU, 2010, p. 33):

Ser um corpo natural é atualmente insuficiente para o ser humano. A identidade singular do corpo recebeu da natureza alimento na sua matéria para possibilidades de uma normatividade nova. [...] O corpo humano não é somente biológico, pois ele produz na cultura normas adaptadas ao vivido de seu vivente.

O sujeito, enquanto ser histórico produz linguagem/história e estas não lhes são transparentes. Desse modo, discutir o corpo, as marcas inscritas na pele é um modo de produção de leitura, de discutir a materialidade simbólica significante.

A imagem (fig. 06) circulou em blogs e algumas redes sociais e nos permite uma reflexão acerca da projeção imaginária do possível candidato, participante, e necessariamente o delineamento do corpo – o *folder* intitulado: “guia rápido sobre como ser um Big Brother de sucesso”, textualiza um protótipo de candidato ideal a participar do programa. O *folder* preconiza atributos corporais como a tatuagem, em que pelo menos 36% do corpo deve ser tatuado, ausência de pelos em qualquer parte do corpo, gestos corporais formando símbolos, sentimentos e emoções associando a profissões que fazem uso ou cuidam do corpo como: modelos, DJ, *Personal Trainer*. Vejamos.

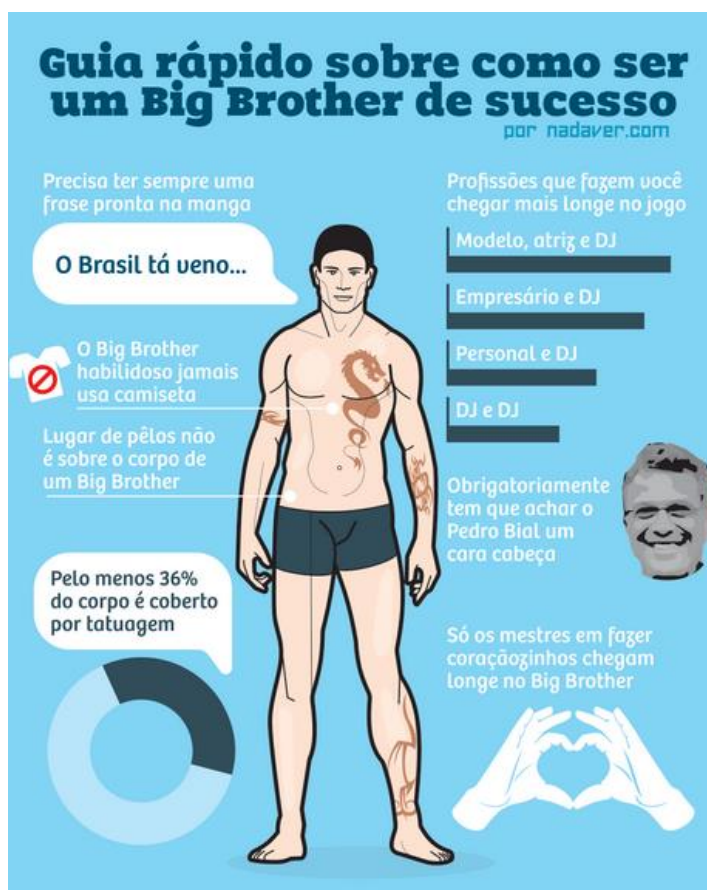


Figura 06 - Protótipo de candidato ideal ao Big Brother Brasil<sup>11</sup>

A figura (06) mostra-nos que o corpo é lugar de simbolização, linguagem, investido de significações, em que o sujeito se insere no mundo corporalmente. E é através dessa

<sup>11</sup> Fonte: www.nadaver.com (2008)

corporeidade que se busca a autenticidade – tão apreciada nos *realities* como *Big Brother* – do discurso autêntico, das tatuagens, dos gestos corporais.

Em uma posição irônica o folder sugere características para se tornar um *brother* de sucesso.

A ironia nesse sincretismo verbo-visual produz um sentido para além do suposto significado pré-concebido da palavra. A articulação da imagem e da palavra produz um efeito que extrapola a significação textual, extrapola os possíveis sentidos imaginariamente intrínsecos a palavra. A ironia, nesse caso, pode produzir um sentido outro, e com isso um efeito jocoso ou de humor. (MALISKA; DE SOUZA, 2014, p. 6).

A ironia também concebida como um processo de desconstrução do sentido, que desconserta o já institucionalizado. Orlandi (1983), diz que é por meio da ruptura que a desconstrução do sentido se instala, desencadeando um processo de significação que coloca em funcionamento o discurso sobre o discurso constituindo com isso o deslocamento dos processos de significação instalados previamente.

De outro lado pressupõe-se pelos índices de audiência que há telespectadores, que se apresentam ávidos por consumir a exposição das pessoas participantes que, apreensivas por exporem-se e ganharem notoriedade/fama, ainda que provisória, sucumbem à superexibição. Promovendo relações artificiais e a negação de emoções afetivas mais profundas, humanas. Vemos que “[...] a todo instante o sujeito simboliza por meio de seu corpo (seus gestuais, suas mímicas etc.) a tonalidade de sua relação com o mundo. Nesse sentido, o corpo, em quaisquer que sejam as sociedades humanas, está sempre significativamente presente.” (LE BRETON, 2013, p. 193).

### CAPÍTULO III

#### ANÁLISE – TATUAGEM: UMA MARCA (FAZ)ENDO SENTIDO

*[...] é impensável que pretendamos ainda hoje separá-las [as palavras] das imagens - imagens fixas e imagens em movimento – e que não consagremos ao funcionamento das imagens e à sua relação com o discurso à mesma atenção minuciosa que dispensamos aos enunciados verbais.*

(COURTINE, 2008a, p. 17)

Este capítulo visa refletir, no domínio da Análise de Discurso de tradição pecheuxtiana, a relação entre tatuagem e mídia em participantes das edições 09, 11, 15 e 16 do BBB, da Rede Globo de Televisão. A tatuagem será compreendida enquanto discurso, gesto simbólico, linguagem, inscrição de si, materializada no sujeito.

O corpo é discurso, percebido face à textualização da tatuagem. A projeção imaginária do corpo instiga os sujeitos em uma busca de um corpo formoso que não escapa das condições sócio-históricas. Ilusão utópica de um corpo possível de ser (re)inventado, modelado, transformando via procedimentos estéticos, intervenções cirúrgicas, dentre estes: a tatuagem. Orlandi (2012, p.86) ressalta que a relação do sujeito com seu corpo desponta como transparente, mas não é, pois “Linguagem, sujeito e história não têm transparência porque têm materialidade. Em sua relação contraditória. E estão afeitos ao funcionamento da ideologia [...] significando e significando-se na cidade, que há uma especificidade em seu processo de significação que se relacionava fortemente ao seu corpo”.

A autora acresce que o sujeito detém sua materialidade. Entende-se assim que a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia produz uma forma sujeito histórica com seu corpo que é social.

A noção de assujeitamento nos é dada pela interpelação do indivíduo em sujeito. Orlandi (2012, p.100), lembra-nos que o assujeitamento não é quantificável, porque “[...] diz respeito à natureza da subjetividade, à qualificação do sujeito pela sua relação constitutiva com o simbólico: se é sujeito pelo assujeitamento à língua, na história”. Sendo assim, o gesto de tatuar-se realizado pelo sujeito, submetido à língua, à significação; é um modo distinto de se dizer, de outra forma, não teria como subjetivar-se. Desse modo, como mencionado, sentidos e sujeitos são constituídos ao mesmo tempo. De acordo com a autora, a forma-sujeito

histórica apresenta a sua materialidade e o indivíduo, interpelado em sujeito, tem seu corpo igualmente interpelado. Dessa forma, “a ideologia, [...] afeta e faz parte do processo de significação do corpo do sujeito”. (ORLANDI, 2012, p. 87). Portanto, ao textualizar seu corpo, os sujeitos movem-se na sociedade, na história, mediado pela linguagem. Jogo da discursividade, o movimento dos sentidos, paráfrase e polissemia, onde os “sentidos e os sujeitos se constituem em processos em que há transferências, jogos simbólicos dos quais não detemos o controle e nos quais o equívoco, ou seja a ideologia e o inconsciente, está largamente presente”. (ORLANDI, 1998, p. 12).

Apoiando-nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, apreendemos que as palavras significam porque já significaram em outro momento, e isso também acontece com o corpo. Assim, ideologicamente constitui-se uma imagem sócio-histórica do corpo, corpos de mulheres, de homens, de classes sociais distintas que tem a ver com uma formação imaginária do tipo de corpo ideal, etc.

Assim, propomos pensar o imaginário social sobre o corpo dos sujeitos que promovem sua identificação social e, concomitantemente, sua inscrição enquanto posição sujeito no contexto social no qual estão inseridos. Em nosso caso, os participantes do Big Brother Brasil em que seus corpos esbeltos, delineados, marcados, tatuados. Um corpo que produz sentidos, que significa à superfície da pele, textualizando-se.

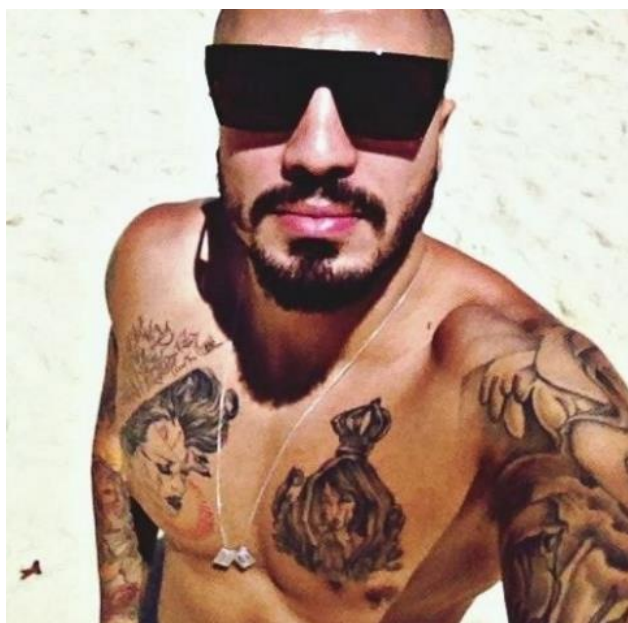


Figura 07 - Fernando Medeiros (BBB 15)<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Fonte: [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br) (2015)



O participante Fernando Medeiros, figura (07) da edição 15 do BBB da Rede Globo de Televisão, apresenta um grande percentual do seu corpo marcado, ostenta vinte e duas tatuagens. Courtine (2013, p. 64) afirma que “o corpo humano é habitado todo inteiro pela analogia: por ela, ele assume sentido, se liberta de sua opacidade, libera seus segredos”. O sujeito e seu corpo relacionam-se já interpelados por uma memória, de forma não objetiva. Nessa perspectiva, o corpo do sujeito faz parte do corpo social significado na história e motivando discursos que afloram à pele.

O sujeito busca identificar-se com a língua ao dizer, identificando-se também com o seu corpo para poder significar-se e, pelo atravessamento da tatuagem, esse sujeito marca na textura da pele a sua aspiração ideológica.

Aproximar nosso olhar às marcas corporais, em nosso caso específico à tatuagem consiste em um trabalho de leitura, observação, interpretação no anseio de discutir o funcionamento da tatuagem, enquanto linguagem, discurso, marcado na pele, convertida numa textualidade que relaciona corpo, discurso, e subjetividade.

Pretendemos compreender a tatuagem como texto, e “[...] pensar a tatuagem como texto é pensá-la como lugar de um processo discursivo, como instância em que se pode observar a materialização da ideologia”. (BALDINI; LEONEL DE SOUZA, 2012, p.70). O corpo é campo da formulação de sentidos, e como nos orienta Orlandi (2001, p. 9) no qual “[...] a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)”. O sujeito, ao realizar o processo da tatuagem como marca que visa significar o corpo sob um novo viés, viver no social, toma o espaço (do corpo), divulga seu existir por meio da textualização da *tattoo*.

A constituição do sujeito realiza-se a partir do olhar do outro, sua materialização a partir de fragmentos de discursos que antecedem sua constituição. Diante dessa abundância de discursos, dos quais nos apropriamos, nos perpassa e nos constitui, cunhando em nós marcas e traços permanentes nem sempre reconhecidos. Traços esses revelados em nós que nos constituem, caracterizando nossa singularidade. Traços que nos identificam, nos (de)marcam, na fala, no silêncio, na pele. Assim, tatua-se para transformar o corpo objetivando alterar a realidade social. Se somos fruto de nossas relações sociais, das práticas cotidianas em sociedade, ao marcarmos nosso corpo através da tatuagem, conseqüentemente, também, atingimos o outro. Desse modo, compreendemos que é a partir da proximidade com o outro, da sua imagem estampada, que o sujeito embrenha-se no simbólico e assim entendemos, também, que é nesse ímpeto que seu corpo é marcado, passa a lhe pertencer; constitui-se

assim o sujeito tomado por um corpo, atribui-se, ao sujeito, um corpo. Angustiamos-nos, pois carecemos de nosso corpo ao nos oferecermos como fonte de desejo para o Outro, e “se o que é visto no espelho é angustiante, é por não ser passível de ser proposto ao reconhecimento do Outro”. (LACAN, 2005, p.134).

A atividade de tatuar-se é o meio pelo qual o sujeito escreve em si, no seu corpo aquilo que acredita completá-lo. A tatuagem permite ao corpo diferenciar-se do que é tido como natural, por meio dela, o sujeito marca para desmarcar-se, remove o “natural” de seu corpo, expondo novos traços, novas marcas, evidenciando o seu corpo com uma nova textura, despertando novas leituras.

Costa (2003, p. 17) apresenta o conceito de *borda*, em que se denomina de *borda*:

[...] toda a relação que situa as fronteiras corporais. De alguma maneira pareceria que, ao longo da história do homem, fosse sempre necessária a reconstituição, o recorte insistente, das bordas do corpo. Esse recorte tem a ver com a erotização e sua necessidade de suporte no Outro. As bordas são o que constituem nossa relação com o ambiente, com o outro e com a realidade. De bordas se compõe o nosso olhar – são as bordas que fazem com que possamos ver.

Portanto, tatua-se para modi(ficar) o corpo, na ilusão de mudar a realidade qual convive, da qual tenta inserir-se. Se permanecemos produtos de nossas relações sociais, das nossas práticas cotidianas em sociedade, ao trans(formarmos) nosso corpo, findamos por mudar, também, o que vislumbramos em nós e em nosso social. Percebemos o sujeito, atingido pela historicidade, corporifica-se, pelo viés da tatuagem as práticas que atribui ao lugar social em que está inscrito. Retornamos às palavras de Orlandi (2012, p. 93), quando assegura que “[...] não há corpo que não esteja investido de sentidos, e que não seja corpo de um sujeito que se constitui por processos nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais para a forma com que ele se individualiza”.

A tatuagem, imagem atravessada de sentidos, não é um fato de linguagem recente na sociedade. No percurso da história e em tempos e culturas distintas, o sujeito sempre usou seu corpo como suporte para marcar através de pinturas senão com tatuagens. Averiguamos, assim, formas de subjetivação, diversos modos de subjetivar-se, na sociedade. De outra forma, tatuar-se seria um concepção individual na tentativa de ocupar um lugar sócio-histórico e cultural (cf. LEITÃO, 2000).

Pêcheux realiza a análise da imagem em seu texto *Rôle de la Memoire* afirma que: “A questão da imagem encontra assim a análise de discurso por outro viés: não mais a imagem

legível na transparência, por que um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória ‘perdeu’ o trajeto de leitura”. (1999, pág. 55). Pêcheux nos faz perceber que a opacidade da linguagem não se refere apenas ao verbal, o não verbal também produz dizeres e não-dizeres, na não transparência de sua construção.

Ao interpretar a imagem pelo olhar – e não através da palavra – apreende-se a sua matéria significante em diferentes contextos. O resultado dessa interpretação é a produção de outras imagens (outros textos), produzidas pelo espectador a partir do caráter de incompletude inerente, eu diria, à linguagem verbal e não verbal. O caráter de incompletude da imagem aponta, dentre outras coisas, a sua recursividade. Quando se recorta pelo olhar um dos elementos constitutivos de uma imagem produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita. (SOUZA, 2001, pág. 73).

No tocante à tatuagem, refletimos sobre a tessitura da imagem, as condições de produção, as relações entre corpo e tatuagem. Textualizamos o corpo, ilusoriamente, à nossa disposição, fazendo dele um espaço de libertação e de construção.

Orlandi (2006, p. 270), concebe que o sujeito dá continuidade a esses processos de significação do eu na pele. Tudo é texto, escrita na pele, escrita de si e o sujeito se subjetiva: o corpo se textualiza. Na rua. Na escola. Na TV, através de *reality show* como o *Big Brother Brasil*. No programa, a mídia televisiva expõe o olhar leitor à textura em distintas materialidades, entre esta a da pele, pela tatuagem.

Foucault (1988, p. 127) revela uma sociedade moderna caracterizada por uma “[...] anátomo-política do corpo” [...] e uma “biopolítica da população”. A primeira característica dessas sociedades consiste nos mecanismos disciplinares que organizam os corpos nas escolas, prisões, hospitais. A segunda manifestação expõe o controle regulador que delinea diretrizes da vida a população, evidenciando tendências de: como se vestir, o que comer, onde morar, como fazer sexo, como fazer para ampliar ou não a longevidade, uma administração do “bem estar social”. Sob esse viés, compreendemos o corpo como lugar de disciplinarização e construção de novos sentidos, no qual a tatuagem (escrita na pele), possibilita estabelecer um espaço de reflexão que permite pensar a subjetividade, ou seja, “[...] a maneira pela qual o sujeito faz experiência de si num jogo de verdade, no qual se relaciona consigo mesmo.” (REVEL, 2005, p.85).

Desse modo, pensando o corpo como efeitos de sentido entre locutores, não podemos deixar de admiti-lo como fruto de uma determinada construção sócio-histórica que o motiva. Considerar tais relações materiais é visualizar o político, como ressalta Orlandi (2005, p. 34): “[...] enquanto relações de força que se simbolizam, ou em outras palavras, o político reside

no fato de que os sentidos têm direções determinadas pela forma da organização social que se impõe a um indivíduo ideologicamente interpelado”. Nesse sentido, diríamos que a tatuagem constitui uma forma de individuação.

Nos deparamos no *reality show* com uma incidência considerável de sujeitos tatuados, exibindo significações no corpo. Diferentes idades, classes sociais, gênero, profissões, ocupando diferentes posições sociais na sociedade. Praticantes de uma escrita singular em seus corpos, sujeitos marcados, afetados pelas condições de produção dessa escrita na pele “[...] produz assim, um efeito ideológico, por isso ela pode ser tomada com uma materialidade discursiva lacunar, porque obrigada em sua constituição a alteridade do sujeito, a qual está marcada pela dimensão inconsciente dos sujeitos que se inscrevem nesse processo”. (GRIGOLETTO, 2006, p. 207).

Assim, relembremos que um dos princípios basilares da Análise de Discurso é re-significar a noção de ideologia considerando a linguagem, pondera Orlandi (2013, p. 45) “[...] que diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar”. Sendo a ideologia a condição para construção dos sujeitos e sentidos.

Orlandi (1993) ressalta que os dispositivos de análise que percebem o verbal por meio do não verbal instalam um efeito ideológico de apagamento produzido entre as diferentes materialidades.

Assim, os efeitos de sentido são provindos de uma determinada materialidade, discursos, textos que são divulgados em uma determinada sociedade. O sujeito pode interpretar apenas algumas dessas vias de sentidos que envolvem o campo social. O efeito de sentido de cada texto é construído por agenciamentos discursivos que controlam, delimitam, classificam, ordenam e distribuem os acontecimentos discursivos em dispersão e permitem que um texto possa “[...] estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível”. (FOUCAULT, 2004, pp. 121-122).

Os sentidos da marca na pele (tatuagem) podem ser concedidos pelo sujeito que detém essa marca e/ou pelo olhar do outro (leitor) que a interpreta, um olhar do sujeito constituído historicamente que se realiza na posição-sujeito, ou seja, “[...] tem-se no momento da produção do sentido o sujeito, o outro e o Outro que constituem a textualização da tattoo”. (CAZARIN, SILVA, 2015, p.08). Entendimento esse da/SOBRE A tatuagem como um gesto de escritura de si, no qual sujeito e corpo são tomados como espaço de sentidos. A mídia no envolvimento com a sociedade, pela circularidade discursiva, o sujeito instaura sua

textualidade na pele. Há movimentos de sentidos que, conforme Orlandi (2012, p. 196), “[...] o sujeito procura destacar-se do corpo coletivo, do seu ‘eu comum’, significando-se em uma segunda comunidade. Reconhecendo-se no seu desejo de ser”.

Refletimos acerca do trabalho com imagens pelos dispositivos teóricos de análise que, de acordo com Orlandi:

[...] permite trabalhar não exclusivamente com o verbal (o linguístico), pois restitui ao fato da linguagem sua complexidade e sua multiplicidade, isto é, aceita a existência de diferentes linguagens o que não ocorre com a Linguística, que, além de reduzir fato (de linguagem) à disciplina (que trata da linguagem), reduz também a significação ao linguístico. O importante para a AD não é só as formas abstratas, mas as formas materiais de linguagem (ORLANDI, 1995, p. 34).

Assim, a construção dos sentidos se dá na relação sujeito-língua-imagem em sociedade, pois sabemos que cada sociedade é responsável por estabelecer uma simbologia em sua coletividade que sustenta o imaginário fazendo parte da memória, do interdiscurso.

Os discursos constituem-se na relação entre memória e esquecimento. Estes vão se constituindo no embate com sentidos outros. Embora o sujeito não perceba esse movimento discursivo, ele desliza espontaneamente. O conceito de memória discursiva, trabalhada por Pêcheux através da categoria teórica do interdiscurso, possibilita que os dizeres e que as imagens façam sentido. Saber esse que corresponde a algo dito anteriormente, em outro lugar, em outras condições – o já dito – entretanto, em um permanente movimento de alinhar entre a ideologia e os discursos.

Refletimos sobre o corpo fora dos aspectos fisiológicos, biomecânicos que o concebe numa visão reducionista, técnica, nutridas pelo capitalismo nessa sociedade do consumo. Nessa reflexão a linguagem é responsável por transformar “[...] o ser biológico em sujeito simbólico”. (HASHIGUTI, 2008, p.07). Uma concepção que vai além do olhar puramente anatomizado do corpo, e passamos a tê-lo como material de linguagem que, significa e é significado pela sua visibilidade material em relação à história. Ao teorizarmos o corpo discursivamente, entendemos:

[...] que o corpo é espaço e efeito da linguagem. É no corpo e pelo corpo que sentimos os prazeres, as dores e somos apresentados enquanto sujeitos de uma sociedade que, atualmente, se conhece pela transformação corporal, ou seja, pela forma como o corpo é afetado por uma cultura visual. (CORRÊA PINTO, 2011, p. 7).

O corpo discursivamente adquire significações, sentidos, ganha notoriedade pelo simbólico; depreende-se que o sujeito marcado pela tatuagem um corpo discursivo, não transparente. Como afirma Ferreira (2013, p. 106) “o corpo como lugar do visível e do invisível”. Na proposta da autora a noção de *corpo discursivo* “não-empírico, não biológico, não orgânico”, sugere pensar o corpo como “objeto discursivo”.

Orlandi (1996) diz que o sentido detém um caráter material. Sua possibilidade de formulação se dá por sua constituição a partir de sua remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam (o interdiscurso, a memória). A evidência do sentido lhe confia uma aparente transparência. Para a autora, o requisito para que o sentido aconteça é a existência da língua como sistema sintático, sujeita a falhas e ao equívoco. Sendo o equívoco lugar dos “pontos de deriva possíveis”, deslizes: os efeitos metafóricos. Fato esse que expõe o modo como os sujeitos são afetados variavelmente diante dos fatos e a maneira como a memória interfere na ordem da sua formulação.

Refletimos assim que “[...] onde há desejo, há inconsciente, onde há inconsciente, há sujeito e onde há sujeito, há um corpo que fala e que, ao falar, falha, pois tudo não se diz e todo não se é”. (FERREIRA, 2013, p. 105). Em *Análise de Discurso*, isso nos leva a compreender que o corpo produz formas de assujeitamento e, portanto, arregimentando as impressões de ideologia e do inconsciente, das quais o sujeito se encontra submetido, convivendo com a ilusão da subjetividade.

Por meio das imagens de participantes do *Big Brother Brasil*, podemos observar a relação da tatuagem com o corpo e os sentidos e significações dele emanados, pois há saberes em funcionamento, aos quais os sujeitos estão investidos.



Figura 08 - Laércio Moura (BBB 16)<sup>13</sup>

Na figura (08), Laércio de Moura, participante da edição 16 do BBB, exhibe sua tatuagem no braço direito, que é, segundo Perez (2006, p. 193), uma das partes do corpo masculino que “[...] representa a força, a virilidade, atributos dominantes da masculinidade”.

No braço do participante, podemos observar um dragão, que faz funcionar a memória sobre a composição de Caetano Veloso: *Menino Do Rio*, “Dragão tatuado no braço”. Vejamos, pois que o *brother* é um senhor de meia idade, mas, pela movência dos sentidos, a tatuagem no braço, o desenho de um dragão, faz funcionar um efeito que opacifica a idade, a barba grisalha, pois o discurso da tatuagem coloca em funcionamento significações que tomam o participante como ligado aos surfistas cariocas da década de 70, que tinham corpos esculturais, dourados, que cantores da MPB fizessem composições destinadas a eles.

A foto lateral convoca o olhar do espectador não para o olhar direto do participante, mas para a tatuagem que ele ostenta no braço. Esse gesto nada tem de inocente, pois ao olharmos a tatuagem de um dragão no braço, o sentido posto em circulação é o de que o participante é jovem, é descolado, é do bem, o que faz com que, imediatamente, tenhamos diante do olhar o imaginário do que se produziu pela música ao menino do Rio/corpo/tatuagem – dragão.

---

<sup>13</sup> Fonte: [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br) (2016).

Assim, a escolha do desenho a ser tatuado, o tamanho e as cores da tatuagem, a parte do corpo a ser tatuada não são funcionamentos triviais, pois administram os sentidos ao olhar do Outro, uma vez que a marca na pele é uma construção do sujeito, uma construção do seu próprio corpo e daquilo que ele produz como efeito no espectador. Desse modo, com Orlandi (2012, p. 85), tomamos o corpo para além da empiria, da sua biologia, pois o corpo tatuado se traduz por um “[...] processo de significação, onde trabalha a ideologia, cuja materialidade específica é o discurso”.

Outros detalhes se somam ao corpo tatuado do participante de modo a produzir sentidos de juventude.

A camiseta do tipo regata, a imagem de uma fênix<sup>14</sup> estampada em toda camiseta, a barba e cabelos coloridos de azul são sentidos que produzem o efeito desejado, descolado o efeito de bom moço, que pode tanto ser do participante quanto da emissora, que quer participantes que consigam ajuntar adeptos, que garantam a audiência do programa e as ligações telefônicas permanentes, com o intuito de manter o *brother* na casa e fazer com que a emissora angarie muitos dividendos. Se o corpo é aquilo que imaginamos dele, a construção do participante e da emissora “inventam” um corpo que seja afinado aos interesses do Programa, pois, conforme afirma Le Breton (2003, p. 30), “[...] o homem contemporâneo é convidado a construir o corpo”, a inventá-lo, a criá-lo conforme as demandas.

São corpos que se textualizam pelo simbólico, buscando dar conta do “[...] transbordamento de um excesso de linguagem o tempo todo visível sobre o sujeito, que passou à necessidade de um excesso de marcas visíveis em si mesmo”. (ORLANDI, 2001, p. 207).

---

<sup>14</sup> A fênix era uma ave fabulosa da mitologia grega que, segundo o dicionário eletrônico Houaiss, era a “[...] única da espécie, que, após viver 300 anos, supostamente, deixava-se arder em um braseiro para, em seguida, renascer das próprias cinzas”.





Figura 09 - Maximiliano Porto (BBB 09)<sup>15</sup>

Na figura (09), Maximiliano Porto, participante da edição 09 do BBB, traz em seus antebraços duas tatuagens com as inscrições: “maximize-se” e “minimize-se”, termos que fazem referência ao ambiente de *softwares*, o que cria significações para o corpo do *brother* como antenado com a tecnologia, o que já o coloca em uma relação direta com a contemporaneidade, pois, segundo Dias (2012, p. 33) “[...] é no corpo que os traços de uma época, seja pela escrita, pela pintura, pela fotografia, são marcados, produzindo sintomas sociais”.

As três primeiras sílabas de “maximi...” podem fazer uma alusão ao nome do participante, marcados em seu corpo, em seus braços, que ao serem cruzados, colocam em visibilidade as duas palavras tatuadas, produzindo sentidos outros, pois, como nos diz Orlandi (2012, p. 92 ) “Corpos são formulações dos sujeitos, em diferentes discursos”. O termo “maximize-se” traz em si uma noção de grandeza, elevação de grau, marcada prefixo amplificador *maxi*, assim, desperta no leitor para uma ideia de autossuficiência, tão difundida e tão necessária para sociedade capitalista atual, que ambiciona que os indivíduos sejam capazes por si mesmos de competir e de enfrentar os problemas do cotidiano.

Do mesmo modo, o termo “minimize-se”, tatuado em seu antebraço esquerdo, iniciado pelo prefixo “*mini*”<sup>16</sup> contempla sentidos múltiplos, joga com o interlocutor, referenciando-se

---

<sup>15</sup> Fonte: [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br) (2009)

à humildade, à pequenez do ser. Dessa maneira, funciona como um convite à solicitude com os demais indivíduos, o que se distancia da noção moderna de corpo, afirmada por Le Breton (2013, p. 21): “[...] um efeito da estrutura individualista do campo social, uma ruptura da solidariedade [...]”. Portanto, as tatuagens do participante trazem em si a ideia de oposição, mas, por estar, cada um dos pares da oposição, tatuado em um dos braços, o efeito que se produz é o de equilíbrio, de temperança, de um sujeito que sabe quando e como agir em cada uma das situações que a vida lhe impõe, pois pode ir do grande ao pequeno, do maior ao menor, da arrogância à humildade.

---

<sup>16</sup> Do latim *minimus* (muito pequeno), mini é um elemento de que são compostas as palavras referentes a tudo o que seja pequeno, baixo, curto ou breve.



Figura 10 - Talita Araújo (BBB 15)<sup>17</sup>

A figura (10), participante Talita Araújo do BBB edição 15, exibe em seu ombro esquerdo a tatuagem de um pequeno avião de papel, uma menção a sua profissão de aeromoça. A parte do corpo marcada pelo desenho (ombro) pode ser uma referência às asas, o ato de voar, em consonância com sua profissão, o trabalho apropriando-se da imagem do sujeito, marcando-o na sociedade capitalista.

A referência ao trabalho pode produzir distintos efeitos de sentido de que a participante seja uma boa moça, que produza uma imagem positiva para ela que, apesar de estar participando do *reality*, tem uma profissão considerada promissora, o que a coloca como uma pessoa bem situada em relação à sociedade capitalista, portanto, de consumo em que está inserida.

Contudo, não é trivial que o avião seja de papel e que faça um voo com piruetas e parafusos que lembram os desenhos animados, pois o efeito que o desenho produz, mas que dizer da profissão, diz da infância, da vida de brincadeiras. Há nesse movimento de linguagem um jogo de sentidos.

Segundo Ferreira (2007, p. 319) é no corpo que se vive o controle social e é ainda “[...] na superfície da pele que alguns encontram um espaço liso disponível à projeção, à celebração e a luta pela construção e reconhecimento de uma identidade imaginada”. Um modo de vida condizente com a sua realidade. Uma busca através da escrita na pele, da textualização do seu corpo, “[...] o traço da linguagem, o rabisco, a estrutura da palavra, toma materialidade,

---

<sup>17</sup> Fonte: [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br) (2015)

corporeidade”. (MOTTA; RENZO, 2014, p. 3). O corpo-texto, interpelado pela ideologia capitalista, faz da pele superfície na qual se textualiza sentidos que colocam a participante afinada com um determinado contexto sócio histórico: o de ser produtiva e, portanto, poder consumir, atendendo às regras do mercado. Nessa direção, o corpo é “[...] metáfora, jazida inesgotável que concede ao narcisismo moderno sua ancoragem privilegiada [...]”. (LE BRETON, 2013, p. 266), apesar de carregar, ao mesmo tempo, o caráter heterogêneo.

Vemos, então, pela tatuagem que o sujeito se desnuda e se encobre, se mostra e se esconde, aproxima-se e distancia-se do (O)outro, exhibe-se à leitura do outro e se coloca metaforicamente como um impossível de ler, produzindo efeitos de sentido que são desconhecidos para si mesmo e para o (O)outro. Nessa direção, marcar-se na pele torna-se “[...] uma prática de si, uma cura, ou uma conjuração dos males do assujeitamento, uma vez que é terreno de disputa pelo Estado, pelo mercado e pelo capital, restando ao sujeito resistir”. (BALDINI; LEONEL DE SOUZA, 2012, p. 87), pois a escrita na pele (ir)rompe com os limites do sentido, extrapolando o corpo físico, constituindo um corpo simbólico, um corpo que é unidade e dispersão de sentidos, um corpo do um e do múltiplo, um corpo que se institui pela ordem do discurso.



Figura 11 – Juliana Dias (BBB 16)<sup>18</sup>

A figura (11) exhibe a imagem da participante Juliana Dias do BBB edição 16 da Rede Globo de Televisão. Nela, observamos, no antebraço esquerdo de Juliana, um desenho apresentando um “terço”, simbolizando a sua espiritualidade e, nesse caso, especificamente, a religião católica. Inscrever marcas no corpo referenciando-se a sua espiritualidade não é algo relativamente novo para sujeitos que tomam seu corpo como suporte para marcas advindas de suas crenças religiosas – aspecto já tratado ao longo desse trabalho. Almeida (2000, p. 18) lembra-nos que “[...] a ideologia-cristã é definidora dos processos de identificação do sujeito moderno”. Intepelados pela ideologia e inconsciente, na medida em que sua determinação histórica faz parte à formação discursiva religiosa. Na afirmação de Orlandi (1999, p.18) “[...] se é sujeito pelo assujeitamento à língua, na história. Não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema signifiante”.

O corpo na busca por uma relação com o sagrado em sua trajetória de (re)ligação com o eterno e infinito, deveria ser o sentido de um corpo que se percebe espiritualizado e que se permite ser território marcado do sagrado. Consciente da opacidade da linguagem (e do corpo), da não linearidade, a materialidade do corpo se apresenta não somente como marca corporal, mas como discurso e, a sua análise “[...] visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos”. (ORLANDI, 1999, p. 26).

---

<sup>18</sup> Fonte: [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br) (2016)

O sujeito que vive sob as relações de poder, desejo da sociedade (ou da religião), é o sujeito que estabelece o discurso. A pluralidade de espaços e de lugares diversos para a escrita de si estabelece um sujeito que se (re)constrói e constitui identidades, marcando seu corpo, reinventando sua existência.

É oportuno dizer a forma com que cada participante se demarca, delimita, nas imagens em análises nas figuras de 01 a 11 em circulação na mídia. Cada qual expõe a tatuagem como sendo algo que diz de si, que produz efeitos de sentido entre os interlocutores. Uma relação de poder de pertencimento à sociedade da beleza, do poder, de ter o corpo tatuado. Todavia são flagrados pela evidência da ideologia que pela opacidade da materialidade discursiva, faz pensar que o sentido está à flor da imagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso deste trabalho as leituras, imersão teórica possibilitou-nos compreender o corpo tatuado enquanto discurso. Percebemos ao discorrer sobre o corpo numa visão sócio-histórica; o corpo sob o olhar da religiosidade, que suas práticas de penalizar o corpo, buscavam nessa relação à aproximação com o sagrado. Compreendemos assim, o corpo linguagem, como referência permanente para os cristãos dos séculos modernos e suas formas de significar pelos ritos. Imagens do corpo atravessadas de sentidos, a imagem do homem pecador, que em suas penitências e relação íntima com a dor marca o corpo no anseio permanente de ser atravessado pelas marcas e significações ante seu Deus.

Entendemos que as marcas no processo sócio-histórico em forma de tatuagem tiveram um deslocamento de sentidos de uma posição antes vista como marginal e na contemporaneidade, estabelecendo-se no centro da sociedade, demarcando um momento revolucionário deslizamento de sentidos no percurso da tatuagem que na atualidade, marca a superfície da pele de corpos em distintas classes sociais.

A busca desenfreada por um corpo “perfeito” constitui novas formas ideológicas de concepção de corpo “[...] materializadas no discurso da corpolatria, tão típico do narcisismo do homem moderno.” (FERREIRA, 2013, p. 102). Mostramos, pelas análises, a relação do sujeito com o seu corpo e suas tentativas de modificá-lo, acrescentando marcas próprias na ilusão de tomar posse dele. Lugar de des(encontros) consigo mesmo e com o outro.

Entendemos que a Análise de Discurso trata a língua em movimento, em seu funcionamento, em per(curso). Dessa forma, depreende-se que a língua não é fechada e, portanto, tem a peculiaridade de ser um dispositivo teórico-analítico em que o final não significa a “conclusão”, mas o princípio de outro processo. Assim, como não há completude na linguagem, este trabalho, que agora se coloca em circulação, não está “acabado”. É apenas parte do processo (ORLANDI, 1988, p. 82). Nesse liame, o objetivo desta dissertação foi refletir sobre como se dá o a construção de sentidos da tatuagem como discurso tendo a pele como superfície em que se pode observar a textualização em participantes do programa *reality show* Big Brother Brasil da Rede Globo de Televisão.

Assim, compreendemos que o sujeito vive sob as relações de poder, sob as condições de produção de desejo da sociedade, produto do capitalismo. Então, essas relações devem também ser compreendidas como constituintes do processo de significação. Inclui a compreensão das condições de produção do discurso, considerando que "O sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que as palavras são formadas". (ORLANDI, 1999, p. 42). A ideologia é, assim, o efeito da relação do sujeito com a língua e com a história.

Compreendemos que qualquer tentativa de compreensão do corpo que incite uma redução de suas possibilidades faz com que a existência perca seu complexo sentido humano. Nossa inquietação em compreender o corpo em sua complexidade é condição inequívoca para poder aproximar o encontro de forças e símbolos que o constituem. O corpo em sua complexidade, constantemente se constituindo, como se fosse capaz de realizar infinitas possibilidades é nos deparar com nossa condição humana.

Ao darmos os encaminhamentos “finais” deste trabalho, entendemos que novas compreensões, reflexões e novos olhares serão possíveis sobre o corpo através dos dispositivos teóricos da Análise de Discurso. “Considerando a materialidade do sujeito, o corpo significa. Em outras palavras, a significação do corpo não pode ser pensada sem a materialidade do sujeito. E vice-versa, ou seja, não podemos pensar a materialidade do sujeito sem pensar sua relação com o corpo”. (ORLANDI, 2012, p. 83).

Seja o corpo tatuado, do homem e/ou da mulher; tem suas significações, é instigante. Espaço da tessitura dos traços de linguagem de subjetivação e que, produz sentidos. É um objeto de análise, de discursos, de modos distintos do sujeito se dar a ler ao outro a espiar e espreitar pela linguagem a opacidade que a tessitura do corpo tatuado produz. Em suma, pensar a tatuagem, enquanto discurso a partir dos corpos de um distinto programa permitiu nos compreender que, ideologicamente, o sujeito/corpo/tatuagem funcionam ideologicamente mediatizado pela linguagem. E que a mídia tem em rede a abrangência de propagação ideológica de distintos discursos e isto instiga a discutir a opacidade da linguagem para uma melhor compreensão do presente.



## REFERÊNCIAS

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993.

AZEVEDO, A. F. . **Metáforas da coesão: a tatuagem no movimento de sutura e cicatriz**. *Artefactum* (Rio de Janeiro), v. 1, p. 1, 2014.

\_\_\_\_\_. **Sentidos do corpo: Metáfora e Interdiscurso**. *Ling. (dis)curso* [online]. 2014, vol.14, n.2, pp. 321-335. ISSN 1518-7632. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017.140206.3613>.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Sujeito, corpo, sentidos**. Curitiba: Appris, 2012.

BOM-TEMPO, Juliana Soares. **Aprendizagens da cidade: corporeidades em intervenções urbanas**. *RUA* [online]. 2013, no. 19. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

BORBA, Mário Pereira e HENNIGEN, Inês. **Composições do corpo para consumos: Uma reflexão interdisciplinar sobre subjetividade**. *Psicol. Soc.* [online]. 2015, vol.27, n.2, pp. 246-255. ISSN 1807-0310. <http://dx.doi.org/10.1590/180703102015v27n2p246>.

BUCCI, E. **Televisão Objeto: a Crítica e suas Questões de Método**. Tese de Doutorado em Comunicação – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, 299 f.

BUCCI, E.; KEHL, M.R. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges (orgs.). **História do corpo**. 3 volumes. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORRÊA PINTO, D. **Discursos sobre o corpo-nu do carnaval**. In: *Anais do SILEL*. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil : a imprensa na constituição da TV como grande mídia**. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas-SP: [s.n.], 2008.

DIAS, Cristiane; PETRI Verli. **Análise do Discurso em Perspectiva: Teoria, método e análise**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Discurso: conceitos em movimento**. In: Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). *Oficinas de Análise do Discurso: conceitos em movimento*. 01ed.Campinas: Pontes, 2015, v. 01, p. 11-26.

\_\_\_\_\_. **O Corpo enquanto objeto discursivo.** In: Análise do Discurso em perspectiva: teoria, método e análise. Verli Petri e Cristiane Dias (orgs.). Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

\_\_\_\_\_. **Oficinas de Análise do Discurso: conceitos em movimento.** 01. ed. Campinas: Pontes, 2015. v. 01. 242p .

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: 15a Ed. Graal, 2000.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade: a vontade de verdade.** Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10: a angústia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade.** São Paulo: Papirus Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. **Antropologia do corpo e modernidade.** Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais.** Lisboa: Miosótis, 2004.

MALISKA, Mauricio Eugênio; DE SOUZA, Silvana Colares Lúcio. **Os efeitos de sentido da ironia e do humor: Uma análise das histórias em quadrinhos da Mafalda.** Revista Recorte, v. 11, n. 1, 2014.

MARQUES, T. **O Brasil tatuado e outros mundos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAUSS, M. **As técnicas corporais.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MILLAN, Marília Pereira Bueno. **Reality shows: uma abordagem psicossocial.** Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 26, n. 2, p. 190-197, jun. 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932006000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932006000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932006000200003>.

MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da; RENZO, A. M. . **Escrita, Sujeito Leitor e Escola: relações de poder.** Revista da ANPOLL (Online), v. 01, p. 80-93, 2014.

\_\_\_\_\_. A regularidade jurídica e o desvão urbano. In: **Estudos da linguagem: língua, sujeito e história.** (org.) ZATTAR, Neuza, DI RENZO, Ana Maria. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 9ª Ed, Campinas: Pontes Editores, 2013.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 5 ed. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia.** Trabalho apresentado no colóquio do Dep. de Linguística do IEL, UNICAMP, Campinas, SP: 1983.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos.** Campinas: Pontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Discurso em análise: Sujeito, sentido e ideologia.** 2ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. **Língua brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil.** Campinas: Editora RG, 2009.

\_\_\_\_\_. **O próprio da análise de discurso.** In: *Discurso e política.* Escritos nº 3. Campinas: Labeurb, 1998.

\_\_\_\_\_. **Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico.** RUA, Campinas. n. 4, p. 9-19, 1998.

ORWELL, George. **1984.** Trad. de Wilson Veloso. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1982.

PAVEAU, Marie-Anne. **Uma enunciação sem comunicação: As tatuagens escriturais.** RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 1 - ISSN 1413-2109 Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

PÊCHEUX, M. **Papel da memória.** In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória.* Tradução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PIRES, Beatriz Ferreira. **Piercing, Implante, Escarificação, Tatuagem: o corpo como suporte da arte,** Campinas: Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes/UNICAMP, 2001.

REVEL, Jacques; NORA, Pierre. **O corpo: o homem doente e sua história.** In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

RODRIGUEZ, L. S. & CARRETEIRO, T. C. O. C. (2014). **Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil.** *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 746-755.

SANT'ANNA, Denise B. **Políticas do corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SOUZA, T. C. C. (Org.) ; Pereira, R. da C. (Org.) . **Discurso e ensino - reflexões sobre o verbal e o não-verbal.** 1. ed. Rio de Janeiro: Garamound, 2011. v. 1. 130p.

VIANA, Silvia. **Jaula de vidro**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 60, p. 91-109, abr. 2015. DOI: doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i60p91-109>

VIEIRA, Camilla Araújo Lopes; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. **Corpos em confecção: considerações sobre os dispositivos científico e midiático em revistas de beleza feminina**. Physis, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 843-861, set. 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01033312013000300010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01033312013000300010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 15 mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S010373312013000300010>.

VIGARELLO, G. **História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje**. Trad. Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.